

A TRADIÇÃO AGRESTE: ESTUDO SOBRE ARTE RUPESTRE EM PERNAMBUCO*

Alice Aguiar

da Universidade Federal de Pernambuco

Iniciamos nosso trabalho consciente de que, mesmo com resultados precários, seria válido o nosso esforço, pois é a primeira vez que se realizaria em Pernambuco um trabalho sistemático de levantamento exaustivo de sítios arqueológicos com pinturas rupestres. Tínhamos conhecimento de alguns achados, pois, desde o século XVI, aparecem registros de pinturas rupestres no Brasil, além de velhas e esparsas notícias da imprensa. Concretamente nos Diálogos das Grandezas do Brasil, A. Fernandes Brandão (1943), relata que em 1598, Feliciano Coelho de Carvalho, Capitão-mor da Província da Paraíba, encontrou nas margens do rio Araçaji pedras gravadas. Rodolfo Garcia que realizou estudo do livro de Brandônio, afirmou ser este o registro mais antigo de arte rupestre no Brasil. Ruth Trindade de Almeida (1980), localizou o sítio rupestre citado nos "Diálogos das Grandezas do Brasil", no engenho Pinturas, município de Pilões, na Paraíba.

No século XVIII, as informações sobre sítios de arte rupestre no Nordeste, foram fornecidas pelo Padre Francisco Correia Teles de Menezes e por Sebastião de Vasconcelos Galvão, que nos dá notícias de sítios em diversas localidades pernambucanas tais como Alagoinhas, Cimbres, Pedra e Bom Jardim e por Louis Lombardi que cita pinturas rupestres em Buíque (E. PINTO, 1935). Na bibliografia cientí-

(*) Pesquisa financiada pelo CNPq

fica entretanto tínhamos apenas breves notícias publicadas por V. Calderon (1970), sobre a região do São Francisco.

No nosso projeto inicial pretendíamos o estudo completo de todas as manifestações rupestres pré-históricas em Pernambuco. A experiência, segundo o trabalho foi avançando, nos demonstrou, entretanto, a impossibilidade de levar adiante essa pretensão porque a quantidade de dados encontrados extrapolavam os limites de um trabalho monográfico.

Resolvemos, então, delimitar uma área menor, onde a acumulação de sítios era densa e apresentava características geográficas, morfológicas e estéticas semelhantes e que, numa primeira hipótese, poderiam ter pertencido a grupos humanos com estrutura cultural comum. Foram, assim, selecionados vinte sítios, suficientes para amostragem, situados no agreste pernambucano e pertencentes aos municípios de Taquaritinga do Norte, Brejo da Madre de Deus, Venturosa, Pedra, São Bento do Una, Passira, Brejinho, Paranatama e nos municípios de São João do Tigre e Caciamba de Areia, na Paraíba.

Utilizamos a nomenclatura e metodologia de N. Guidon (1982, 1985), AM. Pessis (1984) e S. Monzon (1984), para os diferentes níveis de nossa pesquisa, adequando-as as necessidades da área em que trabalhamos.

"A experiência tem demonstrado que, mesmo quando o acesso às pinturas e cópia das mesmas, resulte de um trabalho longo e penoso, na realidade isso é apenas uma mínima parte do trabalho total, tantas são as fases de estudo, identificação e interpretação que as mesmas exigem no laboratório". (MARTIN, 1985).

Pessis, propõe quatro níveis de trabalho para o estudo da arte rupestre, sendo o primeiro de descrição e os outros três, de interpretação.

Seqüência dos níveis de interpretação, segundo Pessis (1984):

1) Nível morfológico — a análise tem por objeto as formas representadas pelo traçado, ou seja, a parte pintada ou gravada das representações rupestres.

2) Nível cenográfico — primeiro nível de interpretação na ordem de rigor científico decrescente, no qual a análise concerne principalmente o mostrado, que é representado pelas figuras fitomorfas, antropomorfas, etc. O traçado dessas figuras permite seu reconhecimento. Estamos, ainda no campo da construção, a partir do qual fazemos uma leitura, ou seja, uma primeira interpretação.

3) Nível hipotético — segundo nível de interpretação, no qual a análise centraliza-se no reconhecimento dos indícios fornecidos pelo qual é mostrado e pelo registro anterior.

4) Nível conjetural — último nível de interpretação, no qual o resultado do estudo dos demais níveis, conduz sobretudo o pesquisador, a suposições contestáveis. Trata-se efetivamente de suposições, mais ou menos razoáveis, fundamentadas em fatos conhecidos, mas que o pesquisador não está em condições de verificar.

Apesar de estarmos trabalhando, desde 1979, em sítios da **Tradição Agreste**, neste trabalho, não ultrapassaremos os dois primeiros níveis de interpretação: o nível morfológico e o nível cenográfico. Os dados que nossa pesquisa nos forneceram, não são ainda suficientes para chegar ao nível hipotético por sítios, somente nas

conclusões finais tentaremos, num nível hipotético, detectar as formas de sobrevivência e hábitos dos homens que pintaram as pedras no Agreste pernambucano.

No estudo da arte rupestre, temos que ter um cuidado especial para as etapas sucessivas de análise, levando-se em conta como se articulam, para cada nível de interpretação, as fases da pesquisa.

Diante de um painel de pinturas rupestres, o primeiro passo a ser dado pelo pesquisador seria da possibilidade ou não do reconhecimento das figuras que aparecem no mesmo. Esse primeiro critério separa o nível morfológico, que consiste puramente na descrição dos grafismos encontrados, do nível cenográfico ou primeiro nível de interpretação.

Antes de seguir adiante, devemos especificar porque utilizamos a palavra grafismo em lugar de desenho, sinal, símbolo, signo, etc., utilizado pela maioria dos pesquisadores.

Optamos, pelo uso da palavra grafismo, como uma forma mais abrangente de descrição, pois a nossa maior preocupação tem sido, estabelecer, uma linguagem não pessoal e válida, pelo menos, para todos os que trabalham, na mesma área sobre pinturas rupestres.

Utilizado por Leroi-Gourham, nas suas aulas do Colégio da França, a partir de 1969 (LEROI-GOURHAM, 1984), foi introduzido na metodologia brasileira por N. Guidon e os membros de sua equipe (GUIDON, 1985b), Leroi-Gourham, utilizou este termo para nomear um dos níveis morfológicos, por ele definido como o **nível geométrico puro**:

“les assemblages de lignes constituant des figures géométriques non-identifiables sans recours d'un contexte. . .”

Utilizamos, portanto, o termo grafismo puro, para a identificação de figuras geométricas, simbólicas, ou, simplesmente sem significado aparente no nosso universo cultural, pois o que para nós poderia ser descrito como linhas sinuosas, triângulos, círculos, etc., para o homem pré-histórico teria outra conotação, que será impossível saber com certeza. Além do termo “grafismo puro”, foram definidos os termos “grafismos de composição” e “grafismos de ação”.

A definição dos três tipos de identificação, ficou para a nomenclatura brasileira, como se segue:

Grafismos Puros — São figuras desprovidas de traços de identificação, as quais é impossível dar uma interpretação, pela simples análise visual.

Grafismos de Composição — São figuras que, permitem o reconhecimento a partir da análise visual. Assim, um antropomorfo ou zoomorfo estático ou dinâmico, será um grafismo de composição.

Grafismos de Ação — Formados por cenas, a partir de grafismos de composição. Assim, cenas de caça, dança ou luta, serão grafismos de ação. Em alguns casos, grafismos puros poderão formar parte de uma cena, integrando um grafismo de ação.

Mesmo dentro de uma metodologia padronizada, cada pesquisador deverá realizar suas pequenas adaptações.

De fato, quando trata-se de grafismos de composição como de grafismos de ação, existe na arte rupestre, uma gama enorme de níveis de interpretação, assim poderemos estar seguros de que certos grafismos de composição da **Tradição Nordeste**, são cenas claríssimas de caça ou de luta, atividades típicas da vida cotidiana do homem primitivo, a mesma clareza de idéias observamos na arte rupestre "levantina", da Península Ibérica. Porém, em numerosas cenas de pintura rupestre do norte da África, no meio de grande riqueza de grafismos de composição, com variedades enormes de zoomorfos e antropomorfos, a identificação das cenas, nem sempre são claras a nossa percepção e os pesquisadores sentem-se inclinados a interpretá-las dentro de um universo mágico-religioso, muitas vezes, mais como uma saída, que como uma realidade. Para não cair nessa armadilha pseudo-científica, na que o pesquisador sente-se na obrigação de interpretar tudo o que acha, somente em casos claríssimos descreveremos a cena de um painel rupestre, no sentido de narrar o que está acontecendo. No resto, os termos "grafismos de composição" ou "grafismos de ação" nos parece mais honesto.

O pesquisador, tem a obrigação de identificar e descrever o que encontra, da forma mais objetiva possível, porém, não tem a obrigação de interpretar, em especial, quando trata-se de arte primitiva.

No nosso trabalho chegaremos ao nível cenográfico, na análise dos painéis do estilo Cariris Velhos; sempre que possível. Entretanto, para a análise do estilo Geométrico Elaborado não poderemos, por enquanto, ultrapassar o nível morfológico, pois as representações — denominadas grafismos puros — não permitem o seu reconhecimento e fazê-lo seria cair no subjetivo, enquanto não tivermos mais sítios registrados, onde a estatística será possível.

Em muitos painéis da TRADIÇÃO AGRESTE, aparecem ao lado dos grafismos de composição, grafismos puros. Neste caso, a análise dos grafismos de composição, não pode ser separada dos grafismos puros, pois o conjunto apresenta uma distribuição que, em alguns casos, pode levar a uma descrição global e é provável que esses grafismos puros tenham ligação com os grafismos de composição. Quando essa ligação não pode ser detectada, nos restringimos ao nível morfológico para a descrição ao referido painel.

No caso dos painéis onde só aparecem grafismos puros, a separação dos painéis é totalmente alheatória, pois a ausência de reconhecimento não nos permite afirmar se determinado desenho está incluído no painel A ou B. Essa separação artificial para a divisão dos painéis, é feita levando-se em conta a proximidade dos desenhos. Essa separação artificial, tendo como base os espaços que separam os desenhos, pode ser totalmente falha, uma vez que, esses espaços podem ter, no painel, o mesmo valor do desenho. Significado esse totalmente longe da nossa concepção de ver, pois para nós os espaços vazios, nada significam.

A TRADIÇÃO AGRESTE: OS ESTILOS E AS VARIEDADES

Para a descrição e estudo da pintura rupestre no Brasil, tem-se generalizado os termos "tradição" e "estilo", conceitos que variam entre os diferentes autores, pelo menos na definição dos mesmos, se bem que a intenção e o conteúdo, sejam muito semelhantes. Em todo caso, são conceitos originais brasileiros e representam um passo a frente, na metodologia universal. O termo "tradição" já fora utilizado na Pré-história brasileira, para definir formas culturais de ampla dispersão geográfica. A parte menor e mais concreta de uma tradição seria uma "fase", e o conjunto de diversas fases, comporia a "tradição".

Para a arte rupestre a **fase**, foi substituída pelo termo **estilo**, atendendo ao caráter estético das representações.

O termo tradição é aceito como definidor da temática das pinturas, porém, numa tradição, onde a temática principal seja, cenas de caça, dança e luta, haverá que explicar a forma como esses temas foram interpretados, porque caça, dança e luta são temas universais da arte rupestre mundial, por serem representações da vida cotidiana dos povos primitivos. Conseqüentemente, a tradição é definida pela temática e pelas formas como essa temática é interpretada, tais como movimento ou estatismo, figuras grandes ou pequenos, monocromas ou policromas, etc.

O primeiro que utilizou o conceito de "tradição" aplicado à arte rupestre foi Valentim Calderón (1970), na Bahia, Calderón, utiliza o termo "tradição", no sentido de diferenciar grupos humanos, regiões e técnicas pictóricas, definido como:

"O conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que as transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas, através do tempo e do espaço".

Calderón deu à "fase", uma referência geográfica, fixando-a num determinado lugar, porém a "tradição", segundo o citado autor, teria um significado estilístico (realista ou simbolista), atendendo as suas características estéticas e não à fixação geográfica. Nisso estaria mais perto da nossa interpretação do termo "tradição", que consideramos a expressão cultural de um universo mágico-religioso, que repete-se em lugares diferentes, sem contatos culturais-físicos obrigatórios.

Para P.I. Schmitz (1984), a "tradição" teria a seguinte conotação:

"Os autores brasileiros costumam usar nas sínteses, que produzem, o termo **tradição** para o conjunto de arte rupestre que tem uma temática e ou elementos técnicos idênticos e apresentam uma grande difusão territorial. E os termos **estilo** ou **fase**, para indicar conjunto de sítios que, dentro da tradição, apresentam características comuns ou muito semelhantes".

No estado atual da pesquisa sobre arte rupestre no Brasil, a delimitação entre "tradição" e "estilo" é muito sutil. As linhas mestras das grandes tradições estão delimitadas com bastante margem de segurança tais como as tradições Nordeste.

São Francisco, Itacoatiara, Agreste, etc., porém, a separação por estilos é ainda factível de modificações.

No nosso caso, além de aceitar como definição de estilo o conjunto de sítios que, dentro da tradição, apresentam características comuns ou muito semelhantes, damos também ênfase especial a delimitação geográfica do mesmo.

No conceito de tradição entra a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pôde ter-se transmitido durante milênios, sem que os sítios pré-históricos de uma tradição pertençam aos mesmos grupos culturais, além de estarem separados por cronologias muito distantes. Não podemos descartar a possibilidade de um grupo humano ter conhecido os abrigos pintados dos seus ancestrais e ter copiado ou imitado essas pinturas muito anos depois. Uma mesma temática representada de uma forma "sui generis" caracterizando uma tradição, poderá ser encontrada em sítios com morfologia, clima e recursos naturais diferenciados. Para o estilo além da temática, damos também grande importância à morfologia dos sítios e o habitat, além de partir da hipótese prévia de que sítios do mesmo estilo tenham cronologias semelhantes, ou seja, para nós o "estilo ideal" teria uma delimitação estética, morfológica e cronológica dentro do universo maior da tradição.

Alguns pesquisadores utilizam também o termo "variedade" com uma conotação estritamente local, correspondente a um sítio ou pequeno grupo de sítios relacionados entre si.

Na TRADIÇÃO AGRESTE além dos estilos Cariris Velhos e Geométrico, Elaborado, assinalamos duas variedades: "variedade ponteadas" e "variedade Belém", a última ainda em estudo.

O levantamento de arte rupestre da TRADIÇÃO AGRESTE, forma parte de um projeto arqueológico mais amplo. O "Projeto Agreste", desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos -- NEA, da Universidade Federal de Pernambuco, que pretende estabelecer o assentamento de grupos caçadores coletores na região Agreste, do semi-árido nordestino, e suas migrações, em direção ao Vale do São Francisco, nas épocas de maior seca, correspondentes ao **optimum climaticum**. Assim, e dentro do possível, relacionar as pinturas com materiais arqueológicos, provenientes de escavações, de forma a estabelecer seqüência de assentamentos de grupos humanos, conhecer seus recursos técnicos, fontes de alimentos e através da sua arte rupestre, penetrar no seu universo mágico-espiritual.

A TRADIÇÃO AGRESTE não é a única manifestação de pintura rupestre que temos detectado, a Tradição Nordeste deverá ser estudada futuramente, nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Nas mesmas áreas, onde pesquisamos a TRADIÇÃO AGRESTE, nos seus estilos Cariris Velhos e Geométrico Elaborado, temos detectado também, concomitantemente, a Tradição Itacoatiara, uma das tradições de gravuras mais difundidas no Brasil, extrapolando, em muito, os limites do Nordeste e que, como é natural, quando as fronteiras de uma tradição são muito dilatadas, o número de estilos e variedades que apresenta é enorme. Entre eles deveremos assinalar o estilo "Boi Branco", por nós descoberto, e que, toma o nome da Fazenda Boi Branco, em

lati (PE), caracterizado por grafismos puros gravados na rocha, com profundidade média e pintados depois, com tinta vermelha. Porém, o estudo da tradição Itacoatiara, que se apresenta muito interessante desde o ponto de vista estético, estilístico e simbólico, é de uma pobreza arqueológica quase total. O fato, dos sítios da tradição, estarem sempre nos cursos d'água, descarta qualquer possibilidade de escavação ou mesmo prospeção arqueológica passível de ser relacionada com as gravuras. A temática das mesmas, sempre dentro dos grafismos puros, presta-se a toda sorte de elocubrações interpretativas e por isso mesmo anticientíficas, e muitas vezes o mistério que as rodeia e sua própria beleza, inclina o espectador a procurar uma explicação que a arqueológica não dá. Mesmo ante dois grandes monumentos da Tradição Itacoatiara, como são a Pedra do Ingá, na Paraíba e Boi Branco, em Pernambuco, onde por mais de trinta metros, sucedem-se gravuras estilisticamente belíssimas, não poderemos dizer, sem dar solta a nossa imaginação, que trata-se, seguramente, de dois lugares de culto às águas, de um grupo indígena desconhecido cultural e cronologicamente falando.

Por esses motivos, deixamos para outra oportunidade o estudo da Tradição Itacoatiara em Pernambuco e nos fixamos na TRADIÇÃO AGRESTE, porque pretendíamos, realizar um trabalho arqueológico. As características da TRADIÇÃO AGRESTE, já foram por nós fixadas, num trabalho anterior (AGUIAR, 1982), que ao ser ampliado, obteve maiores detalhes em alguns aspectos, mas que, não modificou seu sentido mais amplo.

Incluimos dentro da TRADIÇÃO AGRESTE numerosos sítios com pinturas rupestres no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí, com a maior concentração de sítios, até agora assinalados no Agreste pernambucano, motivo pelo qual lhe termos dado esse nome.

As características gerais da TRADIÇÃO AGRESTE são grafismos de grande tamanho, sejam eles de composição ou puros. Os grafismos de ação são raros e quando existem, representam cenas isoladas com poucos indivíduos ou animais. Grafismos puros simples ou muito elaborados — dependendo dos estilos — acompanham os antropomorfos e zoomorfos, equilibrados ou com ligeira predominância dos últimos. Típico da TRADIÇÃO AGRESTE é a representação de um antropomorfo, às vezes de grande tamanho, de desenho propositadamente grotesco, lembrando um espantalho, e que encontramos no estilo Castelo no Piauí, nos Cariris Velhos (MARTIN et alii, 1980), em Pernambuco e na Paraíba e na fase Itacira, na Bahia (CALDERÓN, 1970). Emas e quelônios, estáticos ou com pouco movimento, alguns de grande tamanho também aparecem com frequência. Outro motivo muito comum são as "armadilhas", como também os círculos concêntricos. Típico da TRADIÇÃO AGRESTE são as figuras de pássaros de asas abertas e longas penas, alguns com tendência ao antropomorfismo comum uma tentativa de representar a figura de um homem-pássaro.

A TRADIÇÃO AGRESTE apresenta sua maioria área de concentração na região dos Cariris Velhos e por isso um dos estilos recebeu essa denominação.

A principal característica do estilo Cariris Velhos é sua localização, pois em todos os sítios por nós estudados, com exceção da Pedra Furada (MARTIN et alii, 1980), as pinturas aparecem em matações de granito, que se destacam na paisagem e situados no vale ou no máximo na encosta da serra, sendo o acesso as mesmas relativamente fácil.

Destacam-se ainda no estilo Cariris Velhos: Grafismos de composição — antropomorfos e zoomorfos — e grafismos puros, juntam-se nos painéis sem formar cenas complexas, pelo menos aparentemente, portanto são poucos os grafismos de ação; Ausência de cenas de iniciação sexual; Antropomorfos com pouca indicação do sexo; Mãos em positivo na parte superior dos painéis.

O estilo melhor estudado, dentro da TRADIÇÃO AGRESTE é o Cariris Velhos, que já foi detectado em Pernambuco nos municípios de Taquaritinga do Norte, Brejo da Madre de Deus, Alagoinha, Venturosa, Pedra, Buíque, São Bento do Uno, Brejinho, Passira, Paranatama e São João do Tigre e Cacimba de Areia, na Paraíba.

Geologicamente o estilo Cariris Velhos aparece em áreas onde os granitos de granulação média e grossa e de cor acinzentada, constituem importantes intrusões que pelo efeito da erosão nas rochas mais brandas, emergem na forma de grandes monolitos arredondados onde geralmente se encontram as pinturas rupestres.

Dentro da TRADIÇÃO AGRESTE encontramos um estilo "sui generis" de pintura geométrica que, lembra tecido pintado ou bordado ou mesmo decoração geométrica sobre cerâmica. Geralmente ocupa grandes painéis, com um único desenho. Alguns desenhos lembram carimbos, devido a cuidadosa elaboração do desenho. Às vezes, esses motivos aparecem associados com o estilo Cariris Velhos, outras vezes, isolados, mas também pintados sobre as matações de granito. Esse estilo recebeu a denominação de Geométrico Elaborado.

A TRADIÇÃO AGRESTE aparece no Piauí, na bacia sedimentar do Parnaíba, junto a outras tradições, não havendo sítios homogêneos, como ocorre em Pernambuco. Em São Raimundo Nonato (Pi), foram identificados dois estilos: o estilo Extrema e o estilo Serra do Tapuio. As pinturas são representações de grafismos de composição — antropomorfos e zoomorfos — entre os quais pode-se identificar alguns tipos da fauna local como a ema, o veado, a onça. As figuras antropomórficas aparecem em fila, isoladas ou em grupos.

Uma escavação realizada sob um painel, com pinturas rupestres do estilo Serra do Tapuio, da TRADIÇÃO AGRESTE, na Toca da Boa Vista I, possibilitou uma datação de 5.000 ± 110 anos B.P. (GIF 5865).

No Piauí encontramos também o estilo Castelo, que aparece principalmente no município de Castelo, do qual recebeu o nome e inserido também na TRADIÇÃO AGRESTE.

Nos municípios de Petrolina e Juazeiro foram localizados, pela equipe da Associação de Arqueologia e Pré-história da Bahia (CALDERÓN, 1970), alguns sítios com pinturas rupestres, e que pela descrição e pelo pouco que foi publicado, poderiam ser incluídos na TRADIÇÃO AGRESTE, porém não foram publicados os

painéis completos, nem feito um estudo que permita filiar essas pinturas a um estilo determinado.

Em Mossoró, no Rio Grande do Norte, identificamos uma série de abrigos no município de Apodi, cujas pinturas podem ser incluídas na TRADIÇÃO AGRESTE. O mais extenso dos sítios estudados é o sítio Soledade, onde ao longo de um riacho estreito entre rochedos à pouca distância do solo, sucedem-se grafismos de composição (zoomorfos) e grafismos puros. Esse estilo poderia ser chamado Soledade ou Apodi, porém precisa-se de um estudo mais aprofundado e um maior número de sítios. No momento inserimos esses sítios na TRADIÇÃO AGRESTE, sem precisar o estilo.

Um fator importante nos sítios rupestres da TRADIÇÃO AGRESTE é quanto à acessibilidade, pois em sua grande maioria são de fácil acesso, não havendo subidas violentas, nem alturas perigosas a transpor.

Nos sítios rupestres da TRADIÇÃO AGRESTE, predomina a cor vermelha em vários tons, aparecendo também o amarelo, o branco e o preto, sendo os dois últimos, menos freqüentes.

De modo geral, as tintas utilizadas nas pinturas rupestres da TRADIÇÃO AGRESTE provêm de pigmentos de natureza mineral, sendo o mais comum o ocre ($Fe_2O_3 \cdot xH_2O$), argila colorida por óxido de ferro, que se apresenta nas cores vermelha e amarela. Do óxido de manganês (MnO_2) se obtém o preto, que também pode provir de carvão, sendo que este, por ser de origem orgânica é menos durável, desaparecendo com o tempo e o intemperismo. (Almeida, 1979)

Nos sítios de arte rupestre, até agora por nós pesquisados, dentro da TRADIÇÃO AGRESTE, não aparecem as cores azul e verde ou se foram empregadas, nada mais resta das mesmas, pois essas cores teriam sido resultantes do emprego de corantes perecíveis.

O exame dos animais pintados nas paredes rochosas conduzem a uma estimativa cronológica não muito recuada, pois em nenhum sítio foi encontrado o desenho de animais de fauna extinta.

OS SÍTIOS PESQUISADOS

Selecionamos vinte sítios como uma amostragem da dispersão da TRADIÇÃO AGRESTE em Pernambuco, que inclui uma extensa área que vai de Passira até Brejinho. Os sítios localizados na Paraíba, também tiveram essa conotação, pois incluímos um sítio em Cacimba de Areia e dois em São João do Tigre. Poderíamos ter relacionado apenas os sítios situados no município de Venturosa, área de maior concentração da TRADIÇÃO AGRESTE em Pernambuco, porém neste caso um item importante que é a dispersão não estaria incluído.

RELAÇÃO DOS SÍTIOS:

01 – PEDRA DA FIGURA (PE-T-1)	Taquaritinga do Norte
02 – PEDRA DA LUA (PE-B-2)	Brejo da Madre de Deus
03 – PEDRA DO LETREIRO (PE-B-19)	Brejo da Madre de Deus
04 – PEDRA FURADA (PE-V-3)	Venturosa
05 – PERI-PERI I (PE-V-4)	Venturosa
06 – PERI-PERI II (PE-V-5)	Venturosa
07 – PEDRA DA BUQUINHA (PE-V-7)	Venturosa
08 – PEDRA DO LETREIRO (PE-V-10)	Venturosa
09 – PEDRA PINTADA (PE-A-6)	Alagoinha
10 – PEDRA REDONDA (PE-P-8)	Pedra
11 – PEDRA DO CABOCLO (PE-P-9)	Pedra
12 – POÇO DA FIGURA (PE-P-13)	Pedra
13 – PRATA (PE-P-14)	Pedra
14 – PEDRA DO NAVIO (PE-P-15)	Paranatama
15 – PEDRA DO LETREIRO (PE-B-16)	Brejinho
16 – PEDRA COMPRIDA (PE-B-17)	São Bento do Una
17 – PEDRA DO LETREIRO (PE-P-18)	Passira
18 – PEDRA DO CABOCLO (PB-J-1)	São João do Tigre
19 – PEDRA DO VELHO SAMUEL (PB-J-2)	São João do Tigre
20 – PEDRA DO LETREIRO (PB-C-3)	Cacimba de Areia

Nome do Sítio: PEDRA DA FIGURA

Sigla: PE-T-1

Município: Taquaritinga do Norte

Localidade (U.R.): Fazenda Boa Vista

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 7°45'8"

Longitude 38°36'30"

Mapas: Não existe a folha 1:100.000

Relevo: Várzea

Tipo de rocha: Granito

Cores: Vermelho em três tonalidades

Material arqueológico associado: Não

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim

Número de abrigos: 3

Número de painéis: 3

Conservação: Regular

Tradição: AGRESTE

Estilo: Cariris Velhos

Traços de Identificação: Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação

Bibliografia específica sobre o sítio:

G. MARTIN, A. AGUIAR, P. TADEU, P. VICTOR. *A Pedra da Figura em Taquaritinga do Norte, PE*. CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História n.º 3, Recife, 1980.

A. AGUIAR, P. VICTOR, P. TADEU. *Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco*. CLIO, n.º 4, UFPE, Recife, 1981.

Localizado na Fazenda Boa Vista a uns 10 km de Taquaritinga do Norte a esquerda da estrada de Vertentes, o sítio arqueológico está situada a uns 300 metros da casa da fazenda e pode ser atingido por caminho de fácil acesso, onde grandes blocos de granito de 10 metros de altura, afloram sobre a vegetação arbustiva fechada. Quando, em 1975, o sítio foi descoberto (Martin et alli, 1980), o local estava escondido por mato denso, que dificultava o acesso e de certa forma o protegia. Porém, três anos depois, estava transformado em lugar de romaria, limpo de mato, nele foram construídos um altar e um cruzeiro em frente ao painel principal, estando portanto, em perigo os desenhos, sobretudo pela presença de velas acesas em torno do conjunto.

A construção do altar, com base de cimento, destruiu qualquer possibilidade de sondagem estratigráfica. Apenas no abrigo n.º 2 existia área de refugio factível de ser escavada. Efetuamos uma sondagem de um metro quadrado, observando que até 20 centímetros de profundidade, a terra aparecia com restos de caramujos e ossos de roedores atuais; por debaixo deste estrato superficial, grande quantidade de pedras, seguramente consequência de despreendimento da rocha, dificultavam o prosseguimento da sondagem, sendo preciso ampliar a área da escavação, para prosseguir as pesquisas. Fomos informados, que, quando da construção do altar, fora achada uma ossada humana e vários cachimbos de barro.

Dividimos a área com pinturas rupestres em três painéis, correspondendo a três afloramentos graníticos independentes. O painel n.º 1, onde se acumula número significativos de pinturas; o painel n.º 2, com um grafismo de composição; e o panel n.º 3, com um grafismo puro isolado.

Abrigo n.º 1

Altura 7.65m

Largura 7.35m

Profundidade 5.50m

Painel n.º 1

Altura 2.50m

Largura 4.50m

Desenhos em tinta vermelha, com diferentes tonalidade do laranja ao vermelho escuro. Em alguns pontos os grafismos se superpõem, indicando, possivelmente, duas fases da pintura. Uma emba de um metro de altura e cor vermelha clara, parece ter sido pintada posteriormente aos quelônios, já que se superpõe a um deles de tonalidade bem mais escura. Na totalidade, aparecem neste painel 10 grafismos de composição bastante claros no desenho dos contornos, três marcas de mãos e vários grafismos puros. Não identificamos nenhum antropomorfo se bem que a figura do pássaro, possa ser relacionada com a figura do homem-pássaro que, com pequenas variantes, aparece em grandes áreas do Brasil e que está a merecer estudo mais aprofundado. É de se registrar também, o naturalismo de um dos quelônios, que apresenta quatro dedos nos pés dianteiros e três nos trazeiros.

Abrigo nº. 2

Altura	10.20m
Largura	10.60m
Profundidade	2.50m

Painel nº. 2

Altura	2.00m
Largura	2.50m

Grafismo de composição (antropomorfo), sem determinação do sexo; as mãos e os pés apresentam três dedos. Na parte superior do painel marcas de mãos, já muito apagadas. Figura muito comum na Tradição Agreste e de grande dispersão geográfica no Nordeste, no futuro precisará de estudo detalhado e documentação estatística. No momento poderíamos adiantar tratar-se de uma figura totêmica diferenciada do resto dos grafismos e geralmente de maior tamanho.

Painel nº. 3

Altura	1.00m
Largura	1.00m

Formado por um único grafismo puro.

Nome do Sítio: PEDRA DA LUA

Sigla: PE-B-2

Município: Brejo da Madre de Deus

Localidade (U.R.): Fazenda Pedra da Lua

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude: 8°10'09"

Longitude: 36°23'05'

Mapas: Folha SC 24-X-B-III Belo Jardim escala 1:100.000

Relevo: Encoçta da Serra da Boa Vista, no Maciço da Borborema

Tipo de rocha: Granito

Cores: Vermelho e branco

Material arqueológico associado: Sim

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim

Número de abrigos: 2

Número de painéis: 3

Conservação: Ruim

Tradição AGRESTE

Estilo: Cariris Velhos

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio:

M. ALBUQUERQUE. *Nota prévia sobre a ocorrência de pictografias no município do Brejo da Madre de Deus*, Separata do Boletim nº. 18 do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, 1979.

P. CAVALCANTI. *A Pedra da Lua*. Impressão de uma visita a um monumento arqueológico. Vestígio de uma civilização ou garatujas inexpressivas? Diário da Manhã. Recife, 11 de julho de 1937.

A micro-região do Brejo da Madre de Deus tem-se revelado como uma área de extraordinária riqueza arqueológica. O primeiro a detectar restos arqueológicos na região foi o jornalista Mário Melo. Em 1937, o escritor Paulo Cavalcanti escrevia para o Diário da Manhã, um artigo sobre a Pedra da Lua, anos depois Marcos Albuquerque, escreve uma nota prévia sobre o município do Brejo da Madre de Deus. Posteriormente, a equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos — NEA, realizou também algumas prospeções no município. A partir de 1981, a arqueóloga Jeanette Lima, da Universidade Católica de Pernambuco, iniciou a escavação da Furna do Estrago (Lima, 1984, 1985), sítio arqueológico de enorme importância, onde foi encontrado um cemitério indígena, cuja datação radiocarbônica deu 2.000 anos A.P. O sítio tem pinturas rupestres da Tradição Agreste e também foi assinalado no mesmo lugar a presença humana em 9.000 e 11.000 anos A.P.

A área arqueológica do Brejo da Madre de Deus ficou sob a responsabilidade de Jeannette Lima e nós continuamos nossas pesquisas em Venturosa e municípios próximos, por ser maior a ocorrência do tipo de arte rupestre que nos interessava.

Incluimos o sítio a PEDRA DA LUA, como exemplo da dispersão em Pernambuco da complexa TRADIÇÃO AGRESTE.

O sítio rupestre forma um pequeno abrigo sob o matacão de granito, que deve ter sido habitado temporariamente ou servido de cemitério. Sabemos que existia sedimento arqueológico na base do mesmo e que foi escavado por Marcos Albuquerque, em 1972, porém os resultados não foram publicados até agora. Existia também um pequeno santuário moderno, escavado na rocha, em forma de capelinha, que destruiu parte das pinturas e que foi removido posteriormente.

As pinturas estendem-se por todo o matacão, em ambos os lados e na parte interna do pequeno abrigo e foram seguramente realizadas em mais de uma época, so-

brepondo-se desenhos com tendências diversas, sem que isso signifique estilos diferentes. Como na maioria dos sítios da TRADIÇÃO AGRESTE, os desenhos são confusos e de difícil classificação na hora de tabelá-los. A observação cuidadosa da reprodução dos grafismos é, aos olhos do interessado, mais explicativa que a mais completa descrição.

Todos os painéis apresentam grande quantidade de manchas em branco e vermelho como se quisessem pintar toda a pedra ou simplesmente limpar as mãos sujas de tinta, porém neste sítio, o número de manchas é maior do que nos outros.

Dividimos o sítio em três painéis seguindo a orientação da rocha para fins de identificação, mas devemos advertir em nenhum momento os grafismos da PEDRA DA LUA formam painéis contínuos que além do mais confundem-se com as numerosas manchas.

Abrigo nº. 1

Altura	7.00m
Largura	14.00m
Profundidade	7.00m

Painel nº. 1

Altura	2.94m
Largura	5.30m

Grafismo puros dos que temos convencionado chamar "armadilhas", sucedem-se na posição horizontal e vertical e os tão repetidos "sóis" da TRADIÇÃO AGRESTE; outro grafismo lembra uma estranha árvore de galhos retorcidos com uma meia lua na parte superior que, possivelmente, deu nome ao sítio.

Cabe assinalar a figura de um ornito-antropomorfo de longas antenas, figura também encontrada no sítio PEDRA FURADA (PE-V-3), e que relacionamos com a figura do "homem-pássaro, porém, a pintura está tão apagada que não a reproduzimos aqui. Um antropomorfo parece apresentar a face de perfil com um tocado em forma de chifres. Aparecem outros antropomorfos menores.

Abrigo nº. 2

Altura	6.70m
Largura	12.95m
Profundidade	4.00m

Painel nº. 2

Altura	3.60m
Largura	11.00m

O painel nº. 2 não foi totalmente copiado, pois a erosão e o esfoliamento da rocha, prejudicaram os grafismos representados, aparecendo nestes locais grandes

manchas. A figura de um grande antropomorfo de cor branca, mais se advinha do que se vê, motivo da mesma não ter sido copiada. Neste painel aparecem grafismos puros, grafismos de composição e grandes manchas em branco e vermelho.

Painel nº. 3

O painel nº. 3 não foi medido, uma vez que no local foi colocado um nicho, que ao ser retirado deixou marcas de cimento nas figuras. Aparecem neste painel grafismos puros e grafismos de composição (antropomorfos) além de pequenas manchas em vermelho.

Nome do Sítio: PEDRA DO LETREIRO

Sigla: PE-B-19

Município: Brejo da Madre de Deus

Localidade (U.R.): Furna do Estrago

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude: 8°11'36"

Longitude: 36°28'14"

Mapas: Brasil. SUDENE & Cruzeiro do Sul S/A Belo Jardim. Folha 24-X-B-III.
Escala 1:100.000

Relevo: Na encosta da Serra

Tipo da rocha: Granito

Cores: vermelho

Material arqueológico associado: Sim

Possibilidade de escavação arqueológica: Sim

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 1

Conservação: Regular

Tradição: AGRESTE

Estilo: Cariris Velhos, com elementos intrusivos de outro estilo ou variedade ainda por determinar.

Traços de Identificação: Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação.

Bibliografia específica sobre o sítio:

LIMA, Jeannette Maria Dias de. *Pesquisa Arqueológica no município do Brejo da Madre de Deus-PE*. Symposium – Revista da Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 1984.

———. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE*. CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História (06), Série Arqueológica nº. 01, UFPE, Recife, 1984.

LIMA, Jeannette Maria Dias de. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus-PE*. Dissertação apresentada ao Mestrado de Antropologia da UFPE, para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, 1986.

ALVIM, Marília de Melo e MENDONÇA DE SOUZA, Sheila. *Os esqueletos humanos da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE*. CLIO (6) S. Arq. n.º 1, Recife, 1984.

A PEDRA DO LETREIRO junto a Furna do Estrago, no Brejo da Madre de Deus, forma um único painel de 03 metros de altura por 1.20 metros de largura. Escavada por Jeannette Lima (Lima, 1984, 1985, 1986), a Furna do Estrago, apresentava também restos de pinturas já quase destruídas pelo efeito das fogueiras pré-históricas e dos caçadores atuais. O sítio é um dos mais importantes achados pré-históricos do Nordeste. A escavação estratigráfica do sítio demonstrou pelo menos três ocupações datadas pelo C₁₄ com 11.000, 9.000 e 2.000 AP. A última ocupação corresponde a um cemitério com extraordinárias condições de conservação e que proporcionou na primeira fase da pesquisa restos humanos de 60 indivíduos acompanhados de fardo enxoval funerário. Não nos vamos deter aqui em detalhes sobre o sítio da Furna do Estrago porque este já foi amplamente divulgado na bibliografia especializada, além do que uma monografia completa sobre o sítio está em preparação, pela autora da escavação arqueológica. Apenas faremos referência ao sítio com pinturas rupestres situado a 67 metros da caverna e no mesmo pata-mar.

No painel há grafismos de ação com antropomorfos esboçando passos de dança; pequenos antropomorfos de mãos dadas com tendência ao esquemático, que também aparecem em outros sítios do estilo Cariris Velhos (G. Martin, 1981), mas que neste caso parecem dançar em torno de uma árvore, tema muito repetido na Tradição Nordeste, no Piauí e no Rio Grande do Norte. Esses detalhes nos fazem pensar numa variedade do estilo Cariris Velhos, ou num novo estilo da Tradição Agreste, ainda sem determinar, que assinalamos, também em São João do Tigre — na Paraíba —, precisamente num sítio situado na encosta da serra dos Cariris Velhos, isto é com a mesma morfologia deste sítio da Pedra do Letreiro.

Segundo a descrição de Jeannette Lima (1986):

“Os autores das pinturas utilizaram-se de uma intrusão granítica de grã mais fina, disposta verticalmente, para desenvolver sobre esta área os desenhos que atualmente são os melhores preservados do painel. Fora dessa área há pintura semi-destruídas, feitas sobre o granito porfiroide, que tem sofrido esfoliação acarretando a destruição das pinturas.

Este sítio tem relação, provavelmente, com a ocupação dos caçadores coletores generalizados que habitou a Furna do Estrago há 9.000 anos. Pedra do Letreiro e Furna do Estrago formam um conjunto arqueológico cuja área foi delimitada, tombada e se encontra em processo de desapropriação para futura utilização turístico-cultural.

A Pedra do Letreiro, apesar de estar em área integrante do Maciço da Borborema, onde foi observado que predominam os sítios de arte rupestre enquadrados no estilo Cariris Velhos, dentro da Tradição Agreste (Aguiar, 1981, 1982) foge, em alguns aspectos, ao que está colocado como características do estilo Cariris Velhos, por Martín e et alli (1984). Não há representação de mãos no painel; um antropomorfo tem o sexo muito bem representado, apesar do seu tamanho ter sido reduzido por ordem do antigo vigário, segundo informaram habitantes do Brejo; o painel não se encontra em várzea e sim numa meia-encosta.

Um dos motivos poderia ser considerado uma sinalação-tipo (Mendonça de Souza, 1977:173), está presente noutro painel do Brejo da Madre de Deus, e algo semelhante também foi documentado na região do Seridó, RN (Martín, 1981, 82, 84). Este motivo consiste em pequenos antropomorfos de mãos dadas, em torno de uma figura muito alta e esguia, que tem sido identificada como de uma árvore, de uma palmeira talvez”.

Ao afirmar J. Lima no texto citado, que as pinturas poderiam ser relacionadas com os coletores-caçadores de 9.000 anos AP., baseia-se no achado, na camada arqueológica correspondente a esta datação, de restos de ocre que poderiam ter sido utilizados para elaboração do painel rupestre. Porém, não podemos descartar que, também poderiam ser obra do grupo que utilizou a caverna como necrópole 2.000 anos AP., datação que coincide aproximadamente com a obtida no sítio Peri-Peri (Venturosa) e que datou as pinturas em torno de 2.000 anos AP. (G. Martín, A. Aguiar, J. Rocha, 1983). A questão fica em aberto, até que novas descobertas nos permitam chegar a conclusões seguras.

Nome do Sítio: PEDRA FURADA

Sigla: PE-V-3

Município: Venturosa

Localidade (U.R.): Fazenda Goiabeira

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude: 8°34'46'

Longitude: 36°48'47'

Mapas: Brasil, SUDENE-CRUZEIRO DO SUL, Venturosa, 1970, Folha SC 24 FIII.

Escala: 1:100.000.

Relevo: Serrote do Barbado

Tipo da rocha: Granito

Cores: Vermelho

Material arqueológico associados: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 2

Número de painéis: 5

Conservação: Regular.

Tradição: AGRESTE

Estilo: Cariris Velhos.

Variabilidade: Ponteadas.

Traços de Identificação: Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação.

Bibliografia específica sobre o sítio:

G. MARTIN, A. AGUIAR, P. TADEU, P. VICTOR. *Estudos de Arte Rupestre em Pernambuco (II) A PEDRA FURADA em Venturosa*. CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História, nº. 04, UFPE, Recife, 1981.

O sítio da Pedra Furada, está localizado num cume granítico do serrote do Barbado, no município de Venturosa (PE). Sua formação geológica, ocasionada pela erosão, sugere um imenso arco livre, tendo sua face oeste, coberta de pinturas em vermelho, onde aparecem grafismos puros, de composição e de ação, com antropomorfos, zoomorfos e desenhos esquemáticos.

No seu aspecto físico a Pedra Furada apresenta características singulares: é o único sítio com pinturas até agora assinalado na serra do Bucu, em que os painéis pintados não aparecem sobre matacões arredondados de granito. Pelo contrário, a Pedra Furada, sugere uma imensa muralha em forma de arco que se levanta, separando duas várzeas.

O nosso trabalho nesse sítio foi basicamente, o levantamento das pinturas, porque a ausência de refugio faz impossível realizar uma escavação, apenas sob o painel nº. 1, localizado à esquerda do arco, foi possível iniciar duas sondagens de 1.50m cada, separadas por uma distância de dois metros e que se apresentaram completamente estéreis até uma profundidade de 0.50m, quando foram suspensas. Nenhum material lítico foi achado nas imediações.

O rochedo, por estar muito exposto a ação dos ventos fortes da região, sofre constante despreendimento de grandes blocos e esfoliamento de sua superfície, o que coloca em risco de constante deterioração as pinturas executadas em sua face, junte-se a isso a fuligem das fogueiras feitas pelos caçadores logo abaixo dos grafismos.

As pinturas estão situadas em ambos os lados do mesmo arco, divididas em quatro painéis. Os painéis 2, 3 e 4 encontram-se situados no lado direito do arco. O painel nº. 1 apresenta menos riqueza de motivos que os do lado oposto. Os desenhos do painel nº. 1 foram feitos, na maior parte, com os dedos. Já nos painéis restantes foram utilizados pincéis.

Painel nº. 1

Altura 1.00m

Largura 9.30m

O painel nº. 1 apresenta características especiais: quase toda a superfície da rocha está coberta de manchas feitas com a ponta dos dedos, molhados na tinta vermelha. Esses grafismos feitos com os dedos aparecem também no sítio Pedra Pintada, em Alagoinha, sítio típico do estilo Cariris Velhos, formado por um matacão de

granito que emerge em terra plana cultivada. Resolvemos incluir esses dois sítios na "variedade ponteadada", dentro do estilo Cariris Velhos. Além das manchas feitas com os dedos, há no meio do painel um grafismo puro, em zig-zag. Na extremidade direita do painel, grafismos de composição com representação de um antropomorfo do sexo masculino, logo acima de um zoomorfo quadrúpede, muito estilizado.

No mesmo lado esquerdo do paredão, porém fora do conjunto do painel nº. 1, encontra-se oculta pela espessa vegetação, a figura bastante nítida de uma onça de 0.45m de altura por 0.85m de largura, provida de uma longa cauda. O desenho é conhecido como "o elefante", pelos moradores da região que, confundiram a longa cauda com a trompa de um elefante. A notícia de existência de um "elefante", pintado na rocha, despertou grande interesse no Professor Wesley Hunt, da Universidade de Indiana, que quis conhecer o lugar pessoalmente. Através da observação da equipe, chegou-se a conclusão de que se tratava da figura de uma onça.

Painel nº. 2a

Altura	0.44m
Largura	0,45m

O painel nº. 2, foi dividido em duas partes (2a e 2b). O 2a apresenta grafismos puros — três símbolos cruciformes — colocados um acima do outro, três cruces menores ao lado e duas linhas em ângulo reto, rematadas por duas esferas limitando o desenho. Na nossa opinião, corresponde a um motivo intrusivo que, não forma parte da temática dos painéis restantes.

Painel nº. 2b

Altura	3.55m
Largura	13.00m

O painel 2b, apresenta maior riqueza de motivos. Grafismos puros e grafismos de composição com antropomorfos e zoomorfos, misturam-se sem formar propriamente cenas, com exceção de uma seqüência de figuras humanas muito esquematizadas que parecem representar uma dança, compondo um grafismo de ação. Esse motivo é muito comum no Nordeste e o encontramos no Piauí, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, apresentando figuras claramente antropomorfas, tendendo ao esquematismo que chegam a transformar-se em desenhos geométricos. É um tema que merece ser estudado com atenção, observando-se as seqüências evolutivas. Dos 26 antropomorfos claramente representados no painel, apenas um apresenta indicação do sexo. Uma figura antropeide-ornitomorfa de longas antenas que poderíamos relacionar com a figura do homem-pássaro e que, com interpretações diferentes, encontramos em extensas áreas do Brasil.

Entre os zoomorfos, a figura bem definida de um caranguejo, também representado nas pinturas de Várzea Grande, no Piauí; três ornitomorfos, seguramente emas (uma delas muito apagada), e um quelônio. Grafismos puros, dos que tradicio-

nalmente, tem-se classificado como "estrelas" ou "sois" e outros de mais difícil classificação.

Painel nº. 3

Altura 1.10m
Largura 0.67m

O painel nº. 3, apresenta grafismos de composição, dois antropomorfos e um zoomorfo. Uma das figuras de maior tamanho que as outras, representa claramente uma mulher grávida. Pintada a uma altura de quatro metros e de difícil acesso, foi necessário montar um andaime para poder copiá-la.

Painel nº. 4

Altura 0.36m
Largura 0.48m

O painel nº. 4 é formado por um grafismo de composição, representando um zoomorfo quadrúpede, podendo ser identificado como um felino ou um sítio.

Embora morfológicamente, o sítio Pedra Furada, não corresponda ao protótipo de pintura rupestre da região, que resolvemos chamar estilo "Cariris Velhos", os desenhos apresentam as características próprias do estilo, com antropomorfos estilizados, com pouca representação do sexo, zoomorfos e grafismos puros, sem formar propriamente cenas, com uma única exceção.

Os painéis apresentam também, freqüentemente, manchas esparsas, como se os autores tivessem limpado nas pedras as mãos sujas de tinta ou tentativas falidas de executar algum desenho. As numerosas "dedadas", que aparecem também em gravuras, poderíamos interpretá-las como, tentativas de contar animais ou objetos.

Nome do sítio: PERI-PERI I

Sigla: PE-V-4

Município: Venturosa

Localidade (U.R.): Fazenda Oliveira

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude: 8°32'50"

Longitude: 36°49'50"

Mapas: Brasil, SUDENE-CRUZEIRO DO SUL. Venturosa, 1970. Folhas SC24XBV -
Escala: 1:100.000.

Relevo: Várzea.

Tipo de rocha: Granito avermelhado.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico associado: Sim.

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 5

Conservação: Boa.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos e Geométrico Elaborado.

Traços de Identificação: Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação.

Bibliografia específica sobre o sítio:

G. MARTIN, A. AGUIAR, J. ROCHA. *O sítio arqueológico PERI-PERI em Pernambuco*. Revista de Arqueologia, V. 1, nº. 1. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

A. AGUIAR, P. VICTOR, P. TADEU. *Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco*. CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História, nº. 4, UFPE, Recife, 1981.

Encontra-se no município de Venturosa (PE) ao lado esquerdo da estrada que liga Alagoinha a Venturosa, a 6 km da última. Situado a uns 500 metros da estrada, é de fácil acesso, e assenta-se num terreno apropriado para o cultivo e onde, a menos de 100 metros, existe um "boqueirão" formando um pequeno açude natural, que acumula água da chuva, que se conserva, mesmo nas épocas de maior seca.

O interesse do sítio reside em ser um dos poucos com pinturas rupestres cadastrados dentro do estilo Cariris Velhos, que apresenta acumulação de resíduos indicadores de ocupação humana na superfície e que oferecia possibilidades de escavação arqueológica.

O sítio arqueológico, propriamente dito, está formado por dois grandes matacões de granito que afloram no meio da planura que chamamos de PERI-PERI I e PERI-PERI II, separados por uma distância de 30 metros, aproximadamente. No abrigo PERI-PERI I, onde a inclinação natural da rocha oferece condições precárias de habitação, o solo estava coberto de material lítico, indicando um sítio-oficina de lascamento.

Todo o grande matacão de granito que temos chamado de PERI-PERI I, está coberto de pinturas realizadas com tinta vermelha, algumas bem conservadas, outras desaparecidas em parte pela esfoliação natural da rocha, além do que, a coloração avermelhada do granito confunde-se, às vezes, com as pinturas. No abrigo próximo, denominado PERI-PERI II, as pinturas são mais nítidas e apresentam as cores vermelha, branca e amarela.

Abrigo

Altura 6.20m

Largura 32.00m

Profundidade 10.00m

As características das pinturas de PERI-PERI II, são as típicas do estilo Cariris Ve-

lhos: grafismos de composição (antropomorfos e zoomorfos) e grafismos puros juntam-se nos painéis sem formar cenas complexas, pelo menos aparentemente. Uma fileira de emas, dois quadrúpedes, ou uma figura humana pescando, surpreendida e "retratada" no momento de apanhar um peixe, evocam cenas simples de caça e pesca. Já outros painéis de PERI-PERI I são mais complexos, representando um universo abstrato e simbolista: linhas sinuosas, "armadilhas", desenho que lembra um balão, tudo isso rodeado de marcas de mãos, sugerindo um conceito mágico para nós desconhecido e um poder de abstração menos simplista que a clássica magia da caça, desenhos estes que denominamos de grafismos puros.

Os grafismos foram divididos em cinco painéis, atendendo aos ângulos que separam as rochas.

Painel nº. 1

Altura 1.87m

Largura 5.25m

O painel nº. 1 é que fica exatamente acima do local da escavação arqueológica, apresenta grafismos puros e mãos em positivo. Os painéis 2, 3, 4 seguem-se também com grafismos puros, e numerosas manchas vermelhas. Esses painéis não têm tamanho definido porque a decomposição da rocha, a cor da mesma e as manchas de tinta confundem o espectador, na hora de visualizar o conjunto. Todos os painéis apresentam mãos em positivo na parte superior.

Painel nº. 5

Altura 2.85m

Largura 22.10m

Este painel ocupa um grande paredão quase vertical, onde as pinturas estendem-se por mais de 22 metros. Aparentemente algumas figuras foram propositadamente borradas, passando tinta vermelha por cima, aparecendo, então, grandes manchas vermelhas entre uma figura e outra. Em geral, as figuras desse grande painel sucedem-se sem formar cenas, porém, quando em algum caso, um desenho pode ser interpretado como cena, está formado por poucos componentes, como uma fileira de emas ou um homem pescando, e que poderiam ser denominados de grafismos de ação. Os grafismos de composição mais representados são zoomorfos, entre os quais identificamos: aves, quadrúpedes (veados e onças), quelônios e tartarugas.

A escavação estratigráfica de PERI-PERI I

Iniciamos a escavação com uma sondagem de 2.00 por 2.50 metros no lugar de maior concentração de material lítico. A terra apresentava-se muito escura e rica em humus. Na camada superficial, além do material lítico, foi recolhida cerâmica e restos ósseos, que parecem ser atuais, resultado da presença de caçadores que fre-

qüentam o sítio. A 0.25m de profundidade foram achados dois fragmentos de cerâmica indígena de tipo escovado. Abaixo dos 0.25m foram coletadas duas pedras machadas de tinta vermelha e desgastadas pela abrasão, com sinais de terem sido muito utilizadas. A partir de 0.30m de profundidade, separamos outro nível artificial (nível 2) e continuamos a escavação na metade da área delimitada para avançar em profundidade. O novo quadro é de 1.00 por 2.50m. A terra continua sendo preta e rica em humus e o material lítico começa a ser menos abundante a partir de 0.25m de profundidade. Aos 0.30m desaparece a terra escura e aparece uma camada natural de terra clara argilosa que assenta sobre a rocha a uma profundidade de 0.80m (nível 3).

A 0.55m em profundidade do ponto zero, no segundo nível e com a base assentada no nível 3 de terra clara, achamos uma fogueira de 0.50m de diâmetro, com algumas pedras em torno, de onde foi coletado o carvão que forneceu a primeira datação radiocarbônica. Na fogueira foi achado, além de material lítico, um fragmento de ocre ou "pedra de pintar", como é chamada pelos habitantes da região que ainda a utilizam como corante e que tingem de vermelho apenas umedecido, que deve ter sido utilizada nas pinturas do abrigo. Também foi achado, em contato com a fogueira, uma lasca de quartzo com forma de raspador com restos de tinta vermelha. Uma segunda fogueira foi escavada ainda no nível 2, da qual foram coletados carvões que forneceram a segunda datação. Também no nível 2, fora da fogueira, foram achados outros fragmentos de ocre e líticos com restos de tinta. No nível 3 de terra clara, o material lítico vai diminuindo na medida que a profundidade aumenta e já em contato com a rocha viva aparece quase estéril, com exceção de alguns microlitos,

A indústria lítica de PERI-PERI I, é basicamente, uma indústria de lascas em quartzo, muito embora outros tipos de artefatos, modificados ou manufaturados, tenham sido encontrados em outras matérias-primas como sílex, granito e arenito.

Até que novos dados sejam acrescentados com o prosseguimento da escavação e o estudo de outros sítios rupestres, incluídos na Tradição Agreste, as conclusões a que podemos chegar no momento são que no sítio PERI-PERI habitavam, temporariamente, pequenos grupos de caçadores que preparavam seus implementos e tratavam da caça no local. Poderiam sobreviver com o produto da mesma, durante algum tempo, pela proximidade da água. Esses mesmos caçadores pintaram as paredes do abrigo, preparando as tintas no local e escolhendo temas ligados, principalmente, aos animais que caçavam. Os dois únicos fragmentos de cerâmica coletados, não são suficientes para se afirmar que se tratava de grupos agricultores ceramistas.

Datações radiocarbônicas (C_{14}) de PERI-PERI

1o. fogueira 1760 ± 90 AP (GIF - 5878)

Centre de Faibles Radioactivites do CNRS (Gif-sur Yvette).

2o. fogueira 2030 ± 50 AP (CSIC-605)

Nome do Sítio: PERI-PERI II

Sigla: PE-V-5

Município: Venturosa

Localidade (U.R.): Fazenda Oliveira

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°32'50"

Longitude 36°49'50"

Mapas: Brasil. SUDENE-CRUZEIRO DO SUL. 1970. Folha SC24XB-V Venturosa.

Escala 1:100.000

Relevo: Várzea

Tipo de rocha: Granito

Cores: Vermelho, amarelo e branco.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 1

Conservação: Boa.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Traços de Identificação: Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação.

Bibliografia específica sobre o sítio:

G. MARTN, A. AGUIAR, J. ROCHA. *O sítio arqueológico PERI-PERI em Venturosa*. Revista de Arqueologia, V.1. n° 1. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

A. AGUIAR, P. VICTOR, P. TADEU. *Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco*. CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História, n° 4, UFPE, Recife, 1981.

Distante 30 metros do sítio PERI-PERI I, assinalamos um pequeno abrigo, formado por um único matacão, inclinado, e que denominamos PERI-PERI II.

Abrigo

Altura 2.60m

Largura 3.40m

Profundidade 1.20m

As pinturas do abrigo PERI-PERI II, formam um único painel, pintado em vermelho, branco e amarelo que parece ter sido pintado de uma só vez e depois abandonado. Nenhum resto de ocupação foi detectado em torno das pinturas, provavelmente porque, apesar de muito protegido, o lugar é demasiado pequeno para

servir de habitação, mesmo temporária.

Painel nº. 1

Altura 1.62m

Largura 2.70m

Um único grafismo puro, no ângulo inferior direito, com a forma de "armadilha", que temos assinalado como elemento comum ao estilo Cariris Velhos. Grafismos de composição (zoomorfos e antropomorfos) e grafismos de ação, representados por antropomorfos nas três cores (vermelho, branco e amarelo), que parecem dançar ou fazer acrobacias. A figura do veado, no ângulo superior esquerdo é uma das mais naturalistas encontradas dentro do mesmo estilo.

Temos, neste painel elementos singulares dentro das características que assinalamos para o estilo Cariris Velhos; em primeiro lugar, a policromia, com a utilização de três cores na composição, o que é pouco comum; a equivalência no número de antropomorfos e zoomorfos, quando na maioria dos sítios acontece predominância dos segundos e sobretudo a impressão dinâmica que sugere o painel aos olhos do observador, contrariante a tendência do estilo, que é estática. Esses elementos, nos fazem pensar numa variedade dentro do próprio estilo Cariris Velhos, a que pertenceria, também, a PEDRA DO LETREIRO, junto ao sítio Furna do Estrago, no Brejo da Madre de Deus e a PEDRA DO CABOCLO em São João do Tigre, na Paraíba. As características morfológicas dos sítios são as mesmas que nos restantes, assim como a técnica de elaboração e a temática, porém, a tendência ao movimento e a representação do sexo em alguns casos (no Brejo da Madre de Deus e em São João do Tigre, o sexo está determinado), deixa em suspenso a possibilidade de identificação de uma variedade ou novo estilo, que ainda não nos atrevemos a assinalar.

Nome do Sítio: PEDRA DA BUQUINHA

Sigla: PE-V-7

Município: Venturosa

Localidade (U.R.): Boqueirão

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°35'10"

Longitude 36°46'57"

Mapas: Brasil. SUDENE-CRUZEIRO DO SUL. Venturosa, 1970, Folha SC-24XBV - Escala: 1:100.000.

Relevo: Encosta da Serra do Bucu.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho, amarelo e branco.

Material arqueológico associado: Sim.

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 6

Conservação: Boa.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Geométrico Elaborado e Cariris Velhos.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio:

A. AGUIAR, P. VICTOR, P. TADEU. *Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco*, CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História, nº. 4, UFPE, 1981.

A PEDRA DA BUQUINHA, é um típico sítio da Traição Agreste, formado por grandes blocos de granito arredondado que, emergem no meio do vale, na localidade Boqueirão. As pinturas rupestres foram realizadas nos lugares protegidos e nas paredes mais lisas, mesmo quando expostas à intempérie. O sítio, não é um verdadeiro abrigo, no sentido arqueológico, pois abrigo é sinônimo de habitação, mesmo que precária. Apenas um pequeno lugar da rocha, protege o visitante da chuva e do vento. O lugar não seria habitável nem para um reduzido número de indivíduos. Na distribuição das pinturas, não houve preocupação de protegê-las e muitos dos grandes painéis estão expostos ao sol e a chuva. O sítio ergue-se no meio de terra de cultivo da fazenda plantada de algodão, na época em que a visitamos.

O estilo predominante é o Geométrico Elaborado, podendo-se afirmar que a PEDRA DA BUQUINHA seria o exemplo típico do estilo. "Armadilhas", antropomorfos estáticos e mãos em positivo, nos indicam também, a presença do estilo Cariris Velhos em menor quantidade. Observa-se uma tendência ao "horror vacui", com interesse expresso de cobrir totalmente as paredes rochosas de pinturas. Tratando-se de desenhos cuidadosos e muito elaborados, deduzimos que foram feitos em períodos demorados, num trabalho paciente para que fosse obtido o aspecto que apresentam. Ao observar-se as pinturas rupestres da PEDRA DA BUQUINHA, tem-se a impressão de que, em sua maioria, os desenhos foram feitos com carimbos, tal a simetria conseguida na elaboração dos grafismos puros que cobrem as paredes do sítio, porém, acreditamos seja uma ilusão de ótica e não a realidade, pois o grande tamanho dos mesmos, obrigaria ao conhecimento de uma técnica difícil e improvável.

Foram assinalados oito painéis, atendendo as fendas e direção da rocha, pois a separação dos mesmos corresponde à perda dos desenhos pela decomposição da rocha, mais do que a separação propositada.

A descrição de cenas de pinturas rupestres é sempre arriscada, muito mais para a descrição de painéis em que predomina o estilo Geométrico Elaborado, impossível de ser feita sem cair no subjetivo e repetitivo.

Painel nº. 1

Altura 2.40m

Largura 0.68m

Grafismos puros, de elaboração muito cuidada e paralelismo perfeito nas linhas. Mãos em positivo na parte superior.

Painel nº. 2

Altura	3.85m
Largura	2.35m

Grafismos puros, de desenho muito cuidado, típico do estilo Geométrico Elaborado.

Painel nº. 3

Altura	2.25m
Largura	1.40m

Grafismos puros. Aparecem neste painel círculos concêntricos e as “armadilhas”, características da Tradição Agreste. Alguns grafismos não podem ser identificados devido ao desgaste da rocha.

Painel nº. 4

Altura	1.34m
Largura	0.92m

Grafismos puros do estilo Geométrico Elaborado.

Painel nº. 5

Altura	1.67m
Largura	0.86m

Grafismos puros de estilo Geométrico Elaborado.

Painel nº. 6

Altura	2.10m
Largura	3.75m

Grafismos puros, mãos na parte superior do painel e grafismos de composição incompletos, nas cores vermelho, amarelo e branco.

Neste painel aparecem conjuntamente grafismos dos dois estilos – Cariris Velhos e Geométrico Elaborado – com predominância do último. Nas grafismos puros e de composição, aparecem mãos em positivo e antropomorfos de sexo masculino, sem cabeça. “Armadilhas” nas cores vermelha, amarela e branca.

Os painéis 7 e 8, são restos de grafismos sem identificação pelo desgaste da rocha.

Nome do Sítio: PEDRA DO LETREIRO (TUBARÃO)

Sigla: PE-V-10

Município: Venturosa

Localidade (U.R.): Sítio Pedrinhas - Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°37'16" – Longitude 36°48'58"

Mapas: Brasil SUDENE & Cruzeiro do Sul S/A Venturosa, 1970. Folha SC24-X-B-V - Escala: 1:100.000

Relevo: Várzea

Tipo de rocha: Granito

Cores: Vermelho e amarelo

Material arqueológico associado: Sim

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 5

Conservação: Regular

Tradição: Agreste

Estilo: Cariris Velhos e Geométrico Elaborado

Traços de identificação: Grafismos puros

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe

A Pedra do Letreiro, também chamada Pedra do Tubarão, pela forma alongada, lembrando um enorme peixe, quando vista do lado oeste, é um sítio ruprestre típico da Tradição Agreste, tanto pela conformação arredondada da rocha, como pela sua situação, na base do vale, entre duas serras. O sítio forma um abrigo pequeno, porém, bem protegido e que permite abrigar um reduzido grupo de homens da chuva e do vento. Atualmente, é utilizado por caçadores e moradores da região que deixam no solo restos de fogueiras e cacos de cerâmica atual. O solo do abrigo é acidentado pelo desprendimento de blocos do teto, de maneira que, apresenta alturas diversas. No ponto mais elevado, não ultrapassa três metros de altura.

Abrigo

Altura 3.00m

Largura 10.30m

Profundidade 5.00m

O sítio, oferece possibilidade de escavação arqueológica, pois aparecem sedimentos em torno do abrigo, mesmo que, aparentemente, trate-se de uma camada de cinzas atuais.

Na prospecção inicial, achamos um fragmento de bordo de pedra, pertencente a um pilão ou moinho manual.

Separamos cinco painéis, atendendo as mudanças de orientação da rocha. Os grafismos pertencem aos estilos Geométrico Elaborado e Cariris Velhos.

Painel IA

Altura 1.70m

Largura 1.20m

Grafismos puros, com tendência ao geometrismo, poderia representar “armadilhas”.

Painel IB

Altura 0.50m

Largura 1.10m

Grafismos puros e restos de grafismos de composição, que devido ao desgaste da rocha não são passíveis de identificação.

Painel 2

Altura 0.25m

Largura 0.90m

Um único grafismo puro (armadilha?), e restos de desenhos que, não permitem sua identificação.

Painel 3

Altura 1.59m

Largura 1.50m

Grafismos puros, com os característicos “sois” do estilo Cariris Velhos, e as tradicionais “armadilhas”, encontradas em quase todos os painéis da TRADIÇÃO AGRESTE.

Painel 4

Altura 1.45m

Largura 1.30m

Foi o painel IV deste sítio, que nos levou a escolha do termo “Geométrico Elaborado”, para um estilo da TRADIÇÃO AGRESTE. O único desenho, acha-se isolado, numa fenda estreita da rocha e apresenta dificuldades para ser copiado e fotografado, diante da impossibilidade de colocar o tripé a uma distância necessária, para abarcar todo o desenho. A luz é pouca, porém, se poderia usar flash, se a pouca largura da fenda não o impedisse.

Esse tipo de grafismo puro, de cuidadoso desenho geométrico foi chamado por Niede Guidon de “técnica de carimbos”; porém, este painel foi feito com pincel, se bem que, não se pode excluir a utilização de uma matriz.

Painel 5

Altura 0.70m

Largura 1.30m

Grafismo puro, de estilo Geométrico Elaborado de características semelhantes ao grafismo do painel anterior.

Nome do sítio: PEDRA PINTADA

Sigla: PE-A-6

Município: Alagoinha.

Localidade (U.R.): Fazenda Pedra Pintada.

Distrito: Socorro.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°34'55''

Longitude 36°46'00''

Mapas: Brasil, SUDENE-CRUZEIRO DO SUL, Venturosa, 1970, Folha SC24X-B-V.

Escala: 1.100.000.

Relevo: Várzea.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho e amarelo.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 1

Conservação: Regular.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Variedade: Ponteada.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio:

A. AGUIAR, P. VICTOR, P. TADEU. *Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco*, CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História, nº 4, UFPE, Recife, 1981.

O sítio está formado por um único matacão de granito de três metros de altura, com as paredes verticais, sem formar abrigo, que surge no meio de uma planura, dedicada ao cultivo de feijão e milho. Visitamos o local em 1981, e mesmo sendo época de grande estiagem a várzea conservava umidade suficiente para permitir o plantio.

Foi assinalado um único painel de:

Altura 3.90m

Largura 3.70m

As pinturas estão localizadas na face mais protegida da pedra. Junto com gra-

fismos puros e grafismos de composição, a parede está coberta de marcas, feitas com a ponta dos dedos, algumas, em aparência, feitas caprichosamente e outras seguindo uma linha. Esse tipo de grafismo feito com os dedos, já fora assinalado na PEDRA FURADA, em Venturosa, a partir do que, foi estabelecida a "variedade ponteadas", dentro do estilo Cariris Velhos. Dos grafismos de composição, seis antropomorfos são semelhantes entre si na cabeça, nos braços e na parte inferior do corpo, que apresenta forma cônica, lembrando uma saia rodada.

Não foi encontrado material arqueológico associado.

Nome do sítio: PEDRA REDONDA.

Sigla: PE-P-8

Município: Pedra.

Localidade (U.R.): Fazenda Pedra Redonda.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°40'25"

Longitude 36°50'50"

Mapas: Brasil, SUDENE & CRUZEIRO DO SUL S/A, Venturosa, 1970. Folha SC24XB-V; Escala: 1:100.000.

Relevo: Várzea..

Tipo de rocha: Granito.

Corés: Vermelho e amarelo.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológico: Não.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 3

Conservação: Boa.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos e Geométrico Elaborado.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio:

A. AGUIAR, P. VICTOR, P. TADEU. *Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco*, CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História, nº. 4, UFPE, Recife, 1981.

O sítio PEDRA REDONDA, fica localizado na Fazenda do mesmo nome, no município de Pedra.

No meio do vale, destacam-se três monolitos tão perto um do outro, que parecem formar um só bloco de granito. Entretanto nenhum dos três oferecem possibilidades de abrigo.

Bloco 1

Altura 7.00m

Largura 10.20m

Bloco II

Altura 3.50m

Largura 6.40m

Bloco III

Altura 2.35m

Largura 3.30m

Pela enorme quantidade de manchas com restos de tinta e que não podem ser identificados, pode-se calcular a quantidade de pinturas que havia nas paredes rochosas.

Separámos três painéis e dois grafismos isolados.

Painel nº. 1

Altura 2.80m

Largura 1.90m

Este painel, pode ser apresentado como modelo típico do estilo Cariris Velhos. Aparentemente, e num primeiro nível morfológico de interpretação, os grafismos acumulam-se heterogeneamente; grafismos puros e grafismos de composição sucedem-se e qualquer interpretação, entra logo no terreno da imaginação e do subjetivo. Porém depois de termos observado mais de uma centena de sítios com pinturas rupestres da mesma tradição, estamos habituados a identificar elementos que são comuns a muitos deles, e a não procurar uma explicação lógica no universo mágico-religioso ou simplesmente simbólico, do mundo indígena pré-histórico. Além dos grafismos puros, alguns deles dentro da linha do estilo Geométrico Elaborado, entre os quais dois são claramente antropomorfos e os outros podem ser antropomorfos incompletos ou mesmos ornitomorfos (emas). O antropomorfo central, de maior tamanho, lembra o grafismo que às vezes domina os painéis da TRADIÇÃO AGRESTE, como uma figura totêmica diferenciada. Neste caso identificam-se claramente os atributos ou adornos, tais como cocar de penas, enfeites nos braços e joelheiras, assim como os pés com cinco dedos e com desenho distorcido, por claro erro de perspectiva. Já o outro antropomorfo, de tamanho muito menor, leva um cocar na cabeça, mãos de quatro dedos e pés de três dedos.

Painel nº. 2

Altura 0.80m

Largura 0.60m

Os grafismos puros que aparecem pertencem ao estilo Geométrico Elaborado e estão pintados em vermelho e amarelo.

Painel nº. 3

Altura 1.00m
Largura 1.00m

Muito estragado pela erosão, apresenta grandes manchas em vermelho e alguns grafismos muito apagados.

Do que se pode copiar, identificamos grafismos puros: as "armadilhas", que sempre aparecem nos painéis da TRADIÇÃO AGRESTE e restos de outros grafismos.

Os grafismos isolados foram copiados e fotografados, entretanto a esfoliação da rocha e a erosão afetaram de tal modo, a pintura, que torna impossível sua identificação.

Nome do sítio: PEDRA DO CABOCLO

Sigla: PE-P-9.

Município: Pedra.

Localidade (U.R.): Fazenda Pedra do Caboclo.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°42'42"

Longitude 36°53'08"

Mapas: Brasil, SUDENE & CRUZEIRO DO SUL S/A, Venturosa, 1970.

Folha SC-24X-X-B-V. Escala: 1:100.000.

Relevo: Várzea.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 1

Conservação: Ruim.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos e Geométrico Elaborado.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

O sítio PEDRA DO CABOCLO, segue todas as características do estilo Cariris Velhos. No meio da planície ergue-se um matacão de granito e nas paredes do mesmo, aparecem as pinturas rupestres. Não encontramos material arqueológico de superfície em torno do sítio, porém como trata-se de um matacão no meio da planície, será possível a realização de uma sondagem arqueológica.

O sítio não oferece condições de abrigo, pois suas faces são todas verticais. O

matacão mede 9.00 metros de altura por 14.70 metros de largura.

Painel nº. 1

Altura 2.10m

Largura 2.20m

No único painel existente aparecem grafismos de composição e grafismos puros. Dos grafismos de composição dois podem ser identificados como zoomorfos (quelônios). O cuidado do traçado dos grafismos puros os identificam como pertencentes ao estilo Geométrico Elaborado. Temos aqui, mesmo com um pequeno número de grafismos, um típico sítio da TRADIÇÃO AGRESTE, com elementos pictóricos dos estilos Cariris Velhos e Geométrico Elaborado.

Nome do sítio: POÇO DA FIGURA

Sigla: PE-P-13.

Município: Pedra.

Localidade (U.R.): Fazenda Cachoeirinha.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°44'40"

Longitude 36°40'50"

Mapas: Brasil, SUDENE-CRUZEIRO DO SUL, Venturosa, 1970.

Folha SC-24-X-B-V.

Relevo: Vale do rio Ipanema.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 2

Conservação: Ruim.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Traços de Identificação: Grafismos de composição e puros.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

O sítio é formado por uma matacão de granito de 4.50m de altura por

29.00m de largura, situado no leito do rio Ipanema de curso intermitente, na área cultivável da Fazenda Cachoeirinha. A pedra emerge no meio da planície como é comum na topografia dos sítios rupestres da TRADIÇÃO AGRESTE. Neste caso não forma nenhum tipo de abrigo e as pinturas estão expostas à intempérie, causa de sua péssima conservação. A parede devia estar coberta de pinturas, como parecem indicar os restos de tinta espalhados pela rocha que formam manchas sem forma aparente.

Separamos dois painéis, nos quais identificamos grafismos puros e de composição incompletos.

Painel nº. 1

Altura 1.05m

Largura 0.70m

Grafismos puros e manchas.

Painel nº. 2

Altura 1.20m

Largura 0.90m

Grafismos de composição formados por antropomorfos incompletos. Uma figura de um metro de altura de altura com os braços abertos e a mão esquerda bem desenhada, com seios e largos quadris indicando uma figura feminina. Ao lado, outra figura semelhante incompleta. Esta é uma das poucas indicações de sexo feminino, na TRADIÇÃO AGESTE, junto com a figura da "mulher grávida", da PEDRA FURADA em Venturosa.

Nome do sítio: PRATA

Sigla: PE-P-14

Município: Pedra.

Localidade (U.R.): Fazenda Prata.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°42'05"

Longitude 36°51'30"

Mapas: Brasil. SUDENE-CRUZEIRO DO SUL, Venturosa, 1970, Folha SC-24-X-B-V.

Relevo: Serrote do Bucu.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 1

Conservação: Regular.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos e Geométrico Elaborado.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismo de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

Localizado a 20 km a Sudoeste de Venturosa, está formado por um conjunto de matacões na encosta de um serrote. Dois dos matacões possuem pinturas, formando dois painéis, porém, apenas um é fatível de ser copiado, identificando-se os grafismos. O outro, por causa da erosão e da esfoliação da rocha, não apresenta possibilidades de identificação, apreciando-se, somente, restos de numerosas manchas. O painel que tem possibilidades de identificação dos grafismos, é também incompleto pela péssima conservação dos desenhos.

Painel nº. 1

Altura 2.10m

Largura 2.00m

Grafismos puros e grafismos de composição de tendência estática, com três zoomorfos (quelônios), e um antropomorfo. Os quelônios têm bem assinaladas as patas com três dedos, enquanto que o antropomorfo é muito esquemático, sem indicação de mãos. Os grafismos puros, de elaboração cuidadosa, dentro do estilo Geométrico Elaborado e também as "armadilhas" e círculos concêntricos, do estilo Cariris Velhos.

Nome do sítio: PEDRA DO NAVIO

Sigla: PE-P-15.

Município: Paratama.

Localidade (U.R.): Sítio Pedra do Navio.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°52'35"

Longitude 36°41'20"

Mapas: Brasil, SUDENE-CRUZEIRO DO SUL, Venturosa, 1970,

Folha SC-24-X-B-V.

Relevo: Matacão no Vale.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: vermelho.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 4

Conservação: Ruim.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

O sítio está localizado, bem próximo de estrada que liga Garanhuns a Paratama e a formação natural da rocha lembra forma de um navio, origem do nome do local. Aliás, as "pedras do navio", são numerosas em Pernambuco e consistem em formações graníticas, nas quais a erosão caprichosas da rocha lembra a forma de navio. Não raramente as "pedras do navio", têm pinturas rupestres, tais como em Bom Jardim, e em Floresta.

Abrigo

Altura 6.80m

Largura 20.00m

Profundidade 18.00m

Como em todos os sítios da TRADIÇÃO AGRESTE, as pinturas aparecem num matacão que emerge no vale. As pinturas ficam no alto do matacão, sendo necessário escadas ou cordas, para chegar até as mesmas. A pedra que forma "o navio", devia estar cheia de pinturas, porém, a esfoliação natural da rocha destruiu a maior parte delas, além de terem sido danificadas por buscadores de ouro que empregaram, inclusive, dinamite. Não aparecem material arqueológico visível na superfície, porém, as características do sítio com uma área de abrigo de 20x18m em terreno de humus e pouco acidentado, sugere a possibilidade de escavação arqueológica.

Dos restos de pinturas conservadas, separamos quatro painéis.

Painel nº. 1

Altura 1.10m

Largura 2.80m

Grafismos puros e oito marcas de pés, que ao contrário de marcas de mãos, são grafismos pouco comuns nas representações da TRADIÇÃO AGRESTE.

Painel nº. 2

Altura 0.85m

Largura 1.40m

Grafismos puros e grafismos de composição. Aparecem neste painel, círculo concêntricos, grafismo característico do estilo Cariris Velhos. Dos grafismos de composição, um pode ser identificado como zoomorfo, possivelmente, um quelônio.

Painel nº. 3
Altura 0.80m
Largura 0.70m

Quatro grafismos de composição, representando quelônios, formam umá fila. Abaixo, um grafismo, possivelmente um antropomorfo, porém, devido a esfoliação da rocha, não é identificado totalmente.

Painel nº. 4
Altura 0.80m
Largura 0.50m

Grafismos puros, onde se destacam os círculos concêntricos, comuns na TRADIÇÃO AGRESTE.

Nome do Sítio: PEDRA DO LETREIRO

Sigla: PE-B-16

Município: Brejinho.

Localidade (U.R.): Sítio Belém.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 7°21'07"
Longitude 37°16'35"

Mapas: Folha SB-24-Z-D-I. Patos. Escala: 1.100.000

Relevo: Encosta da Serra da Borborema.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho, amarelo e preto.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigo: 1

Número de painéis: 10

Conservação: Boa.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Variiedade: Belém.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

O sítio fica situado a 2 km à Sudoeste de Brejinho e está localizado na encosta da Serra da Borborema, onde se destaca um conjunto de matacões. Apenas em um deles aparecem as pinturas que cobrem toda a rocha.

O sítio não apresenta material arqueológico associado, nem possibilidades de

escavação arqueológica. Também não apresenta possibilidade de habitação, pois nenhum dos lados do matacão pode servir de abrigo.

Apesar da erosão e da esfoliação da rocha, o nível de conservação das pinturas que restaram, pode ser considerado bom. Da impressão de que toda a parede rochosa estava coberta de pinturas, formando um único e enorme painel, porém, a decomposição da rocha, típica do granito de grã grossa, separou os desenhos, quebrando a continuidade dos mesmos. Dividimos as pinturas em dez painéis artificiais que, na realidade são os grafismos identificáveis que restaram da pintura original. Morfológicamente, o sítio apresenta as mesmas características dos demais sítios da TRADIÇÃO AGRESTE. Nos grafismos, as "armadilhas" e os quelônios são temas do estilo Cariris Velhos, porém a presença de três cores (vermelho, amarelo e preto) superpostas ou não e as características diferenciadas de alguns grafismos puros, nos fazem pensar em uma variedade dentro do estilo, porém, por causa da má conservação da rocha e a perda de grande parte dos desenhos, deixamos em suspensos a determinação de uma possível "variedade Belém", até a confirmação da mesma, com o achado de outros sítios.

Painel nº. 1

Altura	1.00m
Largura	1.50m

Grafismos puros e de composição em três cores: vermelho, amarelo e preto. O grafismo de composição representa um zoomorfo (quelônio), sem cabeça e com patas de quatro dedos.

Os painéis 2, 3, 4 e 5 são na realidade figuras isoladas, formadas por grafismos puros e grafismos de composição (zoomorfos).

Painel nº. 6

Altura	0.80m
Largura	0.75m

Podem ser identificados quatro grafismos de composição (fitomorfos).

Painel nº. 7

Altura	1.00m
Largura	0.65m

Grafismos puros e grafismos de composição (zoomorfos), nas cores vermelho e amarelo.

Os painéis 8 e 9 são figuras isoladas, formando grafismos puros e de composição (zoomorfos), em duas cores: vermelho e preto. O painel nº. 10, apresenta um único grafismo de composição, na cor vermelha.

Nome do sítio: PEDRA COMPRIDA

Sigla: PE-B-17

Município: São Bento do Una.

Localidade (U.R.): Fazenda Pedra Comprida.

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°24'10"

Longitude 36°21'42"

Mapas: Folha SC-24-X-B-III. Belo Jardim. Escala: 1:100.000.

Relevo: Várzea.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho e amarelo.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 2

Número de painéis: 3

Conservação: Ruim.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos e Geométrico Elaborado.

Traços de Identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

O sítio fica localizado numa várzea onde assenta-se um conjunto de matacões. As pinturas estão localizadas em dois desses matacões, nas cores vermelho e amarelo.

Não foi encontrado material arqueológico associado e o sítio não apresenta *possibilidades de escavação*.

No primeiro matacão, que chamamos PEDRA COMPRIDA I, assinalamos um painel, com pinturas bastante desgastadas pela erosão e pela esfoliação da rocha.

Painel nº. 1

Altura 2.60m

Largura 1.00m

Aparecem, neste painel grafismos puros, grafismos de composição e o desenho de uma mão com quatro dedos. As "armadilhas", característica do estilo Cariris Velhos aparecem muito desgastadas.

No segundo matacão, que chamamos PEDRA COMPRIDA II, foram assinalados dois painéis e neles também nota-se o efeito da erosão.

Painel nº. 1

Altura 1.20m

Largura 0.95m

Aparecem grafismos puros, alguns restos de desenhos, impossíveis de serem identificados e as "armadilhas".

Painel nº. 2

Altura 0.29m

Largura 0.35m

Neste painel o desgaste da rocha só permitiu a identificação de um único grafismo puro, formado por círculos concêntricos, grafismo também, muito comum na TRADIÇÃO AGRESTE.

Nome do sítio: PEDRA DO LETREIRO

Sigla: PE-P-18

Município: Passira.

Localidade (U.R.): Fazenda Pedra Tapada.

Estado: PE.

Coordenadas de Localização: Latitude 7°55'19"

Longitude 35°39'00"

Mapas: não existe mapa 1:100.000.

Relevo: Várzea.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico Associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 2

Conservação: Ruim.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Traços de identificação: Grafismos puros e grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

O sítio fica localizado a uns cinco metros aproximadamente do leito do rio Capibaribe, ficando alagado no período das cheias. Como na maioria dos sítios da TRADIÇÃO AGRESTE, as pinturas estão localizadas num matacão, que emerge no meio do vale.

Os painéis estão bastante desgastados pela erosão e pela esfoliação da rocha, além do efeito da água.

Painel nº. 1

Altura 1.10m

Largura 1.00m

No painel nº 1, aparecem grafismos puros, as tradicionais "armadilhas", características do estilo Cariris Velhos e um grafismo de composição (quelônio). Algumas manchas parecem indicar restos de pinturas, que o desgaste não permite identificar.

Painel nº 2

Altura 0.45m
Largura 0.35m

No painel nº 2, aparecem grafismo puros e manchas.

As pinturas estão localizadas numa única parede do matacão, que não pode ser designado como abrigo, por não apresentar nenhuma profundidade que permita utilizar o local como acampamento mesmo temporário.

Nome do sítio: PEDRA DO CABOCLO

Sigla: PB-J-1

Município: São João do Tigre.

Localidade (U.R.): Sítio Caroá.

Estado: PB.

Coordenadas de Localização: Latitude 8°8'20"

Longitude 36°43'43"

Mapas: Folha SC-24-F-I. Pesqueira. Escala: 1:100.000.

Relevo: Matacão na encosta da serra.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico associado: Sim.

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 3

Conservação: Boa.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos, com elementos intrusivos de outro estilo ou variedade ainda por determinar.

Traços de Identificação: Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ção.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

A PEDRA DO CABOCLO, está situado no município de São João do Tigre (PB), na fazenda Caroá, distante 6 km de Poção, em Pernambuco e a pouca distância do sítio PEDRA DO VELHO SAMUEL. O matacão está situado na encosta da serra da Borborema, e forma um pequeno abrigo, com poucas possibilidades de habitação.

Abrigo	
Altura	9.00m
Largura	12.80m
Profundidade	6.00m

Segundo nos informaram, “entre oito e nove anos atrás alguns arqueólogos (?), escavaram e retiraram três esqueletos, porém, não encontraram ouro”. Perto do lugar onde os esqueletos foram encontrados, realizamos uma sondagem de 2.00 X 1.50m. A primeira camada de terra escura e solta, assentava-se sobre uma fogueira, de onde retiramos os carvões, para uma posterior datação rádio-carbônica. Por baixo da fogueira, até 0.50m de profundidade, a terra apresentava-se estéril, até chegar à rocha. Achemos que valia a pena, ampliar a área da escavação na procura de mais enterramentos.

Numa segunda sondagem, junto à anterior, recolhemos ossos humanos, alguns microlitos, procedentes de um raspador de mandioca ou milho e uma conta de colar de osso.

As pinturas estão bem conservadas e bastante nítidas. A temática é rica, e ocupam uma área de 12.80m de largura, onde os grafismos se sucedem sem interrupção. Alguns grafismos de composição parecem formar cenas. Não aparece, aparentemente, nenhum zoomorfo e só poucos grafismos puros com exceção dos clássicos círculos concêntricos, característicos do estilo Cariris Velhos. Os poucos grafismos puros, são de tendência curva e geralmente relacionados com os antropomorfos. Junto aos conhecidos antropomorfos estáticos, algumas figuras dançam, dando uma idéia de movimento, tema pouco comum no estilo Cariris Velhos. Desenho de pés de quatro dedos de perfil com alguma idéia de perspectiva e mãos de três dedos. Determinação do sexo masculino, num grafismo de composição. Marcas de mãos no alto do painel.

A determinação do sexo, em um antropomorfo, a idéia de dança em outro, junto ao desenho de uma árvore e o fato do sítio está situado na encosta da serra e não em lugar de várzea, nos faz pensar, na possibilidade de elementos intrusivos no estilo Cariris Velhos, ou de uma “variedade”, que ainda não nos atrevemos a determinar. No mesmo caso, estaria o painel rupestre da Furna do Estrago (Lima, 1986) no Brejo da Madre de Deus e o sítio PERI-PERI II, em Venturosa.

Foram separados três painéis, onde as pinturas aparecem muito nítidas.

Painel nº 1

Altura	1.82m
Largura	3.00m

Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação. Em seu conjunto o painel apresenta antropomorfos com mãos e pés de três dedos que parecem dançar em torno de fitomorfos. O desenho de uma palmácea está claramente repre-

sentado, junto a uma figura humana que parece se contorcer na dança. Apesar de vários antropomorfos apresentarem posição estática, quando observados em separado, a totalidade do painel produz no espectador a impressão de movimento.

Painel nº. 2

Altura 2.50m
Largura 1.25m

Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação. No aspecto geral, é semelhante ao painel anterior. Antropomorfos em atitude de dança, junto a possível fitomorfo. Vários antropomorfos se superpõem fazendo acrobacias. A figura que dança é semelhante a outra que aparece na PEDRA DO LETREIRO, no Brejo da Madre de Deus. As figuras acrobáticas repetem-se no sítio PERI-PERI II, em Venturosa.

A tendência estática dos grafismos do estilo Cariris Velhos não está aqui representada e a idéia de movimento é uma constante.

Painel nº. 3

Altura
Largura

Grafismos puros, grafismos de composição e grafismos de ação estão representados neste painel, onde as figuras antropomorfas dão idéia de movimento. Um detalhe que chama a atenção neste e nos outros dois painéis é o delineamento dos dedos que, estão bem marcados em todos os antropomorfos.

Nome do sítio: PEDRA DO VELHO SAMUEL

Sigla: PB-I-02

Município: São João do Tigre

Localidade (U.R.): Sítio Caruá

Estado: PE

Coordenadas de Localização: Latitude 8°8'20"

Longitude 36°43'43"

Mapas: Folha SC-24-F-I. Pesqueira. Escala: 1:100.000.

Relevo: Matakão na encosta da serra.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Sim.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 2

Conservação: Ruim.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Traços de identificação: Grafismos puros, grafismos de composição.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

Pequeno abrigo situado a 30 metros aproximadamente, da PEDRA DO CABOCLO, em São João do Tigre (PB).

Abrigo

Altura 10.00m

Largura 12.50m

Profundidade 6.10m

Não apresenta condições de habitação, apenas de refúgio, apesar de que segundo a tradição popular o "Velho Samuel", morou ali durante anos, depois de abandonado pela mulher. Apresenta sedimento estéril na superfície, porém, achamos que deverá ser feita uma sondagem arqueológica. Pelas características do sítio vizinho (PEDRA DO CABOCLO), poderia a PEDRA DO VELHO SAMUEL, também ter sido utilizado como cemitério indígena.

As pinturas estão muito desgastadas e cobertas por uma camada calcárea formada pela água que escorre sobre elas. Quando visitamos o sítio o sol poente tornava difícil a identificação dos grafismos. Assinalamos grafismos de composição, possivelmente antropomorfos com as mãos levantadas e dois tipos de grafismos puros: as "armadilhas", próprias do estilo Cariris Velhos e "carimbos", próprios do estilo Geométrico Elaborado, além de marcas de mãos na parte superior dos painéis.

Apesar do desgaste da rocha e da conseqüente deteriorização das pinturas, separamos dois painéis, copiando os grafismos que foram identificados entre as numerosas manchas de tinta vermelha.

Painel nº. 1

Altura 2.22m

Largura 2.00m

Aparecem grafismos puros e grafismos de composição. Podemos identificar restos de "armadilhas", dois círculos concêntricos junto a um antropomorfo. Dos grafismos de composição, dois antropomorfos estão perfeitamente delineados. No alto do painel, restos de pinturas que não permitem identificação, além de mãos em positivo que devido a camada da calcáreo tornou impossível a sua cópia.

Painel nº. 2

Altura 0.82m

Largura 1.35m

Só conseguimos identificar neste painel restos de grafismos puros, que repre-

sentam as tradicionais "armadilhas".

Nome do sítio: PEDRA DO LETREIRO

Sigla: PB-C-3

Município: Cacimba de Areia.

Localidade (U.R.): Sítio dos Teodósios.

Estado: PB.

Coordenadas de Localização: Latitude 7°09'44"

Longitude 37°08'30"

Mapas: Folha SB-24-Z-D-I. Patos. Escala: 1:100.000.

Relevo: Serrote dos Teodósios.

Tipo de rocha: Granito.

Cores: Vermelho.

Material arqueológico associado: Não.

Possibilidades de escavação arqueológica: Não.

Número de abrigos: 1

Número de painéis: 1

Conservação: Ruim.

Tradição: AGRESTE.

Estilo: Cariris Velhos.

Traços de Identificação: Grafismos puros.

Bibliografia específica sobre o sítio: Não existe.

Localizado na encosta do serrote dos Teodósios, as pinturas rupestres aparecem num matacão em forma de abrigo, sem condições de habitação.

Abrigo

Altura 6.00m

Largura 8.00m

Profundidade 2.00m

Os grafismos estão em uma só parede do abrigo e muito desgastada pela erosão e esfoliação da rocha.

Painel nº. 1

Altura 2.30m

Largura 1.45m

No único painel aparecem grafismos puros, com as tradicionais "armadilhas".

Esse painel é um exemplo típico de como qualquer descrição entraria no terreno do subjetivo, e como em tantos outros casos, em que nenhum outro elemento arqueológico pode ser acrescentado a pintura rupestre, devemos limitarmos ex-

clusivamente a reprodução da mesma. O sítio em si poucas conclusões nos oferece, porém, é mais um dado, dentro de amplo contexto e exemplo da dispersão da Tradição Agreste e sua penetração na Paraíba, sempre em sítios de morfologia semelhante.

Em arqueologia muitas conclusões a que poderemos chegar caem no campo hipotético e com o tempo e a continuação sistemática das pesquisas, podem ser mudadas.

Não obstante a advertência anterior reunindo os dados que obtivemos e os fornecidos por outros poucos pesquisadores que, trabalham ou trabalharam em Pernambuco, podemos afirmar, atualmente, que:

a) há dados seguros da presença do homem pré-histórico em Pernambuco desde 11.000 anos atrás, em Bom Jardim (LAROCHE, 1977) e Brejo da Madre de Deus (LIMA, 1985);

b) grupos caçadores-coletivos que fabricavam implementos de pedra lascada, ocuparam o vale do São Francisco e seus afluentes a partir de 7.000-6.000 A.P. (CALDERÓN, 1979);

c) esses grupos de caçadores-coletivos pintaram profusamente as pedras e abrigos da região, desde os primeiros tempos de seu aparecimento no Agreste e no Sertão pernambucano, seguramente a partir de 9.000 anos A.P., com técnicas, estilos e variedades que evoluíram e que, provavelmente, perduraram até os contatos com o colonizador branco e a sucessiva destruição da cultura indígena;

d) os grupos caçadores-coletivos inseridos na TRADIÇÃO AGRESTE procuraram, para realizar suas pinturas, as paredes lisas das rochas, de preferência nos lugares de várzea, perto da água, sem interesse especial em procurar lugares abrigados que servissem de habitação, não obstante costumassem realizar suas pinturas nas paredes mais resguardadas das intempéries, para melhor proteger os desenhos;

e) os lugares escolhidos para realizar suas obras não eram em geral lugares de habitação, porém poderiam ter servido de acampamento temporário, como é o caso de PERI-PERI, PEDRA DA LUA, PEDRA DO LETREIRO, etc.;

f) vários sítios da TRADIÇÃO AGRESTE foram utilizados também como cemitério indígena, sem que se possa afirmar que os enterramentos sejam contemporâneos das pinturas; pelo contrário, a impressão que temos é que seriam posteriores e pertencentes a grupos ceramistas. Deve ser registrado que, como a maioria dos sítios com restos de enterramentos foram violados, antes da nossa chegada aos mesmos, nada de definitivo poderá ser afirmado;

g) a ausência da cerâmica e de material de pedra polida (mós, pilões) nos sítios pesquisados, leva-nos à conclusão de que os grupos humanos da TRADIÇÃO AGRESTE não eram agricultores-ceramistas. Pelos artefatos de pedra que conhecemos e as datações obtidas parecem indicar serem os artistas rupestres caçadores-coletores diversificados.

Com respeito aos elementos puramente estéticos, ou seja, os grafismos em si, chegamos à conclusão que, na maioria dos vinte sítios analisados neste trabalho, além dos outros que estamos estudando, a tendência estática sobrepõe-se à tendên-

cia dinâmica, esta última assinalada em três sítios.

Podemos detectar alguns grafismos protótipos assinalados em quase todos os sítios rupestres, entre os quais se destacam as "armadilhas". Demos esse nome a um determinado tipo de grafismo puro que poderia ser identificado como tal, não porque particularmente lembre uma armadilha, mas porque num abrigo do Seridó, no Rio Grande do Norte (MARTIN, 1982), um desenho semelhante representa claramente uma armadilha, na qual está sendo caçado um quadrúpede, acossado por caçadores. Trate-se ou não de verdadeiras armadilhas, é seguro que esses grafismos, nos desenhos da TRADIÇÃO AGRESTE têm um significado concreto, pelas vezes que se repetem em quase todos os abrigos.

Outro protótipo constante nos painéis da TRADIÇÃO AGRESTE são os círculos concêntricos, grafismo puro cujo significado não questionamos; mas que, pela maneira como se repetem, deviam ter algum significado concreto para os artistas pré-históricos.

Separamos um grafismo de composição não pela freqüência com que ele aparece nos painéis da TRADIÇÃO AGRESTE e sim pela constância do mesmo em várias partes do Brasil. Chamamos de "homem pássaro" a um grafismo antropeidornitomorfo que, em alguns casos, sugere uma figura de braços estendidos, mascarado de pássaro com grandes penas e que apresenta, às vezes, antenas longas ou curtas na cabeça. ONDEMAR DIAS chamou-o "pássaro da noite" por tê-lo achado num sítio rupestre de Minas Gerais, representado no meio de um teto estrelado. O "homem-pássaro" pode ser encontrado em painéis de pinturas rupestres no Mato Grosso, na Bahia, em Minas Gerais, no Piauí, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco. O aparecimento do "homem-pássaro" em várias partes do Brasil não indica, necessariamente, dispersão da mesma tradição e sim que o universo mental do homem primitivo tem uma mesma forma de interpretação para determinados fatores.

Quanto ao mundo mágico-religioso do homem pré-histórico que pintou os painéis rupestres da TRADIÇÃO AGRESTE, pouco se pode dizer com segurança. O culto da "árvore sagrada", ritual que permanece até hoje entre algumas das tribos indígenas remanescentes em Pernambuco, aparece apenas em dois sítios da TRADIÇÃO AGRESTE: PEDRA DO LETREIRO, no Brejo da Madre de Deus (PE) e PEDRO DO CABOCLO, em São João do Tigre (PB). Antropomorfos que sugerem movimentos, provavelmente uma dança que poderia fazer parte de algum ritual, podem ser encontrados nos sítios de pinturas rupestres de PERI-PERI II, em Venturosa (PE) e na PEDRA DO CABOCLO, em São João do Tigre (PB). Outros grafismos que poderiam ter conotação mágico-religiosa importante, dentro de um painel rupestre, são figuras em tamanho muito maior do que os outros elementos que o compõem. A figura pode ser um antropomorfo, como a que aparece na PEDRA REDONDA, em Pedra ou um zoomorfo como a ema da PEDRA DA FIGURA, em Taquaritinga do Norte. Poderá ser também um grafismo puro que ocupe praticamente todo o painel, como é o caso da PEDRA DO LETREIRO, em Venturosa. Esses grafismos, podem e devem ter uma conotação mágico-religiosa que não nos é possí-

vel atualmente determinar, porém, a frequência e a localização dos mesmos nos painéis levam-nos a supor um significado importante para o homem pré-histórico que pintou as paredes rochosas no Agreste pernambucano. Talvez tenham o valor de figuras totêmicas.

Estratégia de sobrevivência dos caçadores da TRADIÇÃO AGRESTE

O estudo dos recursos alimentares dos caçadores-coletores pré-históricos do Agreste pernambucano merece uma monografia em separado que, aliás, está sendo elaborada por pesquisadores do Núcleo de Estudos Arqueológicos — NEA, da UFPE. Neste trabalho nos limitamos a relacionar sucintamente as fontes básicas de alimentos que tornariam possível a sobrevivência, na região, dos caçadores-coletores da TRADIÇÃO AGRESTE.

Como já dissemos, os dados coletados não parecem indicar que as pinturas rupestres da TRADIÇÃO AGRESTE tenham sido feitas por agricultores pré-históricos. Assim sendo, seus autores teriam seu sustento na caça, pesca e coleta de plantas selvagens nativas.

É tradicionalmente aceito que o homem pré-histórico pintou nas rochas os animais que formavam parte do seu sustento e que desejava caçar, assim como também é aceito que a representação dessa fazia parte dos seus rituais mágicos para a obtenção da caça. Mesmo que essas afirmativas possam ser contestadas, em alguns casos é indiscutível que a relação da fauna identificada na pintura rupestre é um elemento precioso para a determinação das principais fontes de alimentos do homem primitivo.

Todos os animais representados na pintura da TRADIÇÃO AGRESTE correspondem à fauna atual sem que, em nenhum caso, tenham-se identificado representações de megafauna ou fauna pleistocênica.

Vários animais são facilmente identificáveis como os veados e os quelônios; outros são mais duvidosos e entram na categoria de quadrúpedes ou ornitomorfos, sem maior identificação.

Entre a fauna identificada nas pinturas rupestres temos:

Veados, Onças, Tartarugas, Lagartos, Tatus, Capivaras, Peixes, Caranguejos, Emas e outras aves.

Os animais citados correspondem a diferentes espécies de fauna ainda existentes na região, com algumas em vias de extinção, tais como as onças e veados, muito procurados pelos caçadores atuais. Correspondem às espécies seguintes: Veados (*Mazama americana*, *Mazama simplicicornis*); tatu-peba (*Dasyurus sexcinctus*); tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*); capivaras (*Hydrochurus capibara*); onças (*Felis uncia*, *Felis concolor*); gato maracajá ou gato do mato (*Felis wiedi*); jaguatiricas (*Felis pardalis chibiguazu*); raposa (*Vulpes vulpes*); tamanduá-açu ou tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga jubata*); quelônios (*Chelonion*); largato (*Iguana tuberculata*); emas (*Rhea americana*); seriema (*Microdactylus cristatus*).

Nas escavações arqueológicas realizadas nos sítios que possuem sedimentos, foram encontrados ossos de várias espécies de roedores e aves de pequeno porte, tais como: mocó (*Kerodon rupestris*); paca (*Coelogenis paca*); cutia (*Dasyprocta acouchy*); preá (*Caviá aperca*); codorna (*Nothura maculosa*); jacu (*Penelope supercilioses*); pomba-rola (*Scardafella squamosa*), que deviam fazer parte da dieta alimentar dos ocupantes dos abrigos.

A sistemática devastação da mata que o Agreste sofreu e sofre nos tempos modernos, tem contribuído para sua paulatina desertificação e a conseqüente desperenização dos rios. Mesmo com o clima seco característico da região, muitos dos rios e riachos, hoje sem água na estação seca, tiveram maior caudal nos tempos pré-históricos. Todos os rios do Agreste são piscosos e a representação de um homem pescando, no sítio PERI-PERI I, em Venturosa (PE) confirma o recurso da pesca como fonte de alimento do homem pré-histórico.

A abundância de carapaças de caramujos (*Megalobulimus* sp.), em alguns sítios é outra evidência de recurso alimentar. Outras fontes alimentares não deixam resíduos, mas não podem ser descartados diferentes tipos de insetos como por exemplo a formiga tanajura (Gênero *Atta*), consumida até hoje no sertão pernambucano misturada à farinha de mandioca.

Outra fonte de alimentação é o mel. Em Pernambuco há uma abelha nativa, a *Melipona acutellaris*, que produz o "mel de urucu". O consumo do mel na Pré-história não seria insólito, pois em uma pintura rupestre do Levante espanhol aparece uma figura humana colhendo mel. Antes da colonização das Américas, só existiam abelhas sociais nativas, conhecidas atualmente como abelhas indígenas sem ferrão, ou com ferrão atrofiado, não sendo capazes de oferecer perigo ao homem. Essa qualidade facilitaria naturalmente ao homem pré-histórico a coleta do mel, produto de grande valor alimentício.

A representação de plantas é geralmente muito precária na pintura rupestre e quando aparecem estão mais relacionadas com ritos mágicos, danças, plantas sagradas ou alucinógenas do que com alimentos. A representação de uma palmácea, entretanto é clara, no sítio PEDRA DO CABOCLO, em São João do Tigre (PB). Registre-se que entre as plantas nativas comestíveis do Agreste destacam-se: Ouricuri (*Syagrus coronata*); cajueiro (*Anacardium occidentale*); mangabeira (*Hancornia speciosa*); palmeira (*Palmacea*); imbuzeiro (*Spondias tuberosa*); ingazeiro (*Inga affinis*); icó (*Capparis yco*); facheiro (*Cereus*); baraúna (*Melanoxylon braunia*); carnaúbeira (*Copernicia cerifera*); imburana de cambão (*Bursera leptophleas*); macambira (*Bromelia laciniosa*); marizeiro (*Geoffrae superba*); jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*); faveleiro (*Jatropha phyllacantha*); xique-xique (*Pilocereus gounellei*); quixabeira (*Bumelia sartorum*); tipã (*Tipuana speciosa*); maçaranduba (*Mimusops huberi*).

Entre as plantas de efeitos medicinais podemos citar: Juazeiro (*Zizyphus joazeiro*); jurema preta (*Mimosa hostilis*); jucá (*Caesalpinia ferrea*); bom-nome (*Maytenus rigida*); arroeira (*Schinus molle*); mandacaru (*Cereus janacaru*); mulungu (*Erythrina vellutina*).

Entre as populações indígenas do interior do Nordeste brasileiro, utiliza-se como alimento nos períodos de seca diversos tipos de farinha conseguida de espécies nativas, costume esse que certamente reflete um hábito alimentar estabelecido ao longo de um período muito grande de adaptação ao semi-árido. Entre as espécies nativas que provavelmente foram utilizadas na pré-história chamamos a atenção para a farinha de macambira (*Bromelia laciniosa*), uma vez que estudos recentes, indicam ser a mesma um alimento superior à farinha de mandioca pelo seu teor protéico, aproximando-se da farinha do arroz e do milho (LIMA, 1985).

Provavelmente algumas dessas espécies também forneciam a madeira necessária para a confecção de bordunas, pontas, lanças, arcos, etc. Entre as espécies vegetais mais resistentes encontradas no Nordeste brasileiro e que portanto melhor se prestam para a fabricação das armas indígenas, podemos citar: O jatobá (*Hymenaea courbaril*), a maçaranduba (*Manilkara rufula*) e o pau-ferro (*Caesalpinia leiostachia*).

Finalizando nossas reflexões, poderemos concluir que é possível, através da arte rupestre e da pobre cultura material que nos restou, reconstruir a vida dos homens pré-históricos que povoaram os agrestes e os sertões de Pernambuco.

Já podemos afirmar que, a partir de 11.000 anos, grupos de caçadores-coletores habitavam a região, possivelmente até desde muito antes, como tem sido demonstrado em outros estados do Nordeste. Esses grupos nunca foram muito numerosos, dada a extrema dureza do meio geográfico, quase hostil antes da descoberta da agricultura. As evidências parecem indicar que tinham extrema mobilidade, deslocando-se continuamente na procura da água e das fontes de alimentos, fato que seria facilitado pelo reduzido número de indivíduos. No seu contínuo peregrinar, pintaram as rochas, nas quais se resguardavam por breves períodos ou noutras que, no meio da várzea ou do vale, simplesmente chamavam sua atenção, abandonando-as depois e deixando para a posteridade o reflexo de suas esperanças, seus desejos e, possivelmente, também de suas frustrações.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Páleo-clima e páleo ecologia*. Anuário de Divulgação Científica. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1980.
- . *O domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras*. IBILCE n.º 06. São Paulo, 1980.
- AIRES DE CASAL, Manoel. *Corografia Brasílica*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1949.
- AGUIAR, Alice. VICTOR, Plínio. TADEU, Paulo. *Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco*. CLIO n.º 04. Revista do Curso de Mestrado em História. UFPE, Recife, 1981.

- AGUIAR, Alice. *Tradições e estilos na arte rupestre no Nordeste brasileiro*. CLIO nº-05. Revista do Curso de Mestrado em História. UFPE, Recife, 1982.
- . Cariris Velhos-Paraíba in *Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu*. São Paulo. DOW QUÍMICA, 1984.
- ALBANO, Rosângela. *Bibliografia sobre arte rupestre brasileira*. Arquivos do Museu de História Natural Vol. IV-V, Belo Horizonte, UFMG, 1980.
- ALBUQUERQUE, Marcos. *Nota prévia sobre a ocorrência de pictografias no município de Brejo da Madre de Deus*. Separata do Boletim nº. 18 do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, 1971.
- ALMEIDA, Ruth Trindade de. *A arte rupestre nos Cariris Velhos*. João Pessoa. Editora Universitária UFPB, 1979.
- . *Um sítio arqueológico histórico*. CLIO nº. 03. Revista do Curso de Mestrado em História. Recife, UFPE, 1980.
- ANDRADE, Gilberto Osório e LINS, Rachel Caldas. *Introdução ao estudo dos brejos pernambucanos*. Arquivos do Instituto de Ciências da Terra nº. 02. Out. Recife, 1964.
- ANDRADE LIMA, Dárdano de. *Estudos Fitogeográficos de Pernambuco*. Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas nº. 05. Recife, IPA, 1960.
- ARARIPE, Tristão de Alencar. *Cidades Petrificadas e inscrições lapidárias no Brasil*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 50, 1ª. parte, Rio de Janeiro, 1887.
- BELTRAN, Antonio. *De cazadores a pastores. El arte rupestre del levantino español*. Ediciones Encuentro, Madrid, 1982.
- CALDERÓN, Valentin. *Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia*. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados preliminares do segundo do ano. 1966-1967. Publicação avulsa. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969.
- CALDERÓN, Valentin. *Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no Estado da Bahia*. Universitas, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, nº. 05, Salvador, UFBA, 1970.

- . *Investigação sobre a arte rupestre no planalto da Bahia; as pinturas da Chapada Diamantina*. Universitas, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia n.º 6/7. Salvador, UFBA, 1971.
- . *Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do sul do Estado da Bahia*. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações avulsas n.º 16. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1974.
- . JACOMÉ, Iara e SOARES, Ivan. *Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico*. Salvador, CHESF, 1977.
- CAVALCANTI, Paulo. A Pedra da Lua. *Impressão de uma visita a um monumento archeologico. Vestígios de uma civilização ou garatujas inexpressivas?* Diário da Manhã, Recife, 11 de julho de 1937.
- CERQUEIRA, Maria dos Milagres L. e SÁ, Aderbal B. G. de. *As comunidades indígenas de Pernambuco*. CLIO n.º 05. Revista do Curso de Mestrado em História, Recife, UFPE, 1982.
- CONDEPE — Instituto de Desenvolvimento de Pernambuco, *As Comunidades indígenas de Pernambuco*. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Planejamento. Recife. CONDEPE, 1981.
- GUIDON, Niède. *Rapport de Synthèse*. Actes du XLII Congrès International des Américanistes, vol. IXB, Paris, 1976.
- . *Definições de delimitações do estilo Várzea Grande*. Actes du XLII Congrès International des Americanistes, vol. IX-B, Paris, september, 1976.
- . *Arte rupestre no Piauí. Temas de Arqueologia brasileira*. Anuário de Divulgação Científica n.º 08. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1980.
- . *Da aplicabilidade das classificações preliminares na arte rupestre*. CLIO n.º 05, Revista do Curso de Mestrado em História. Recife, UFPE, 1982.
- . *Art rupestre: une synthèse du procédé de recherche. Contributions méthodologiques en Préhistoire*. Études Americanistes Interdisciplinaires, 1. Paris, Laboratoire d'Anthropologie Préhistorique d'Amérique. E.H.E.S.S. et R.C.P. du C.N.R.S. 1982.
- . *A arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato. Síntese de dez anos de pesquisa*. CLIO n.º 07 Revista do Curso de Mestrado em His-

tória. Série Arqueológica, 2. Recife, 1985.

———. *Métodos e técnicas para a análise da arte rupestre pré-histórica*. Caderno de Pesquisa - 4. Série Antropologia III. Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1985.

IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Geografia do Brasil. Região Nordeste* vol. 2, Rio de Janeiro. SERGRAF-IBGE, 1977.

KUHN. Herbert. *El arte rupestre en Europa*. Editorial Seix Barral, S.A. Barcelona, 1957.

LAROCHE, A.F.G. *O sítio arqueológico da Pedra do Caboclo*. Ginásio Pernambucano. Secretaria de Educação e Cultura, Recife, 1970.

———. *Contribuição para a Pré-história pernambucana*. Gabinete de História Natural do Ginásio Pernambucano. Recife, 1975.

———. *Arqueologia Pernambucana*. Museu e Gabinete de História Natural do Ginásio Pernambucano. Recife, 1977.

LEROI-GOURHAN, André; BAILLOUD, Gérard; CHAVAILLON, Jean e LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Pré-História*. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

———. *Arte y grafismo en la Europa Pre-historica*. Colégio Universitario de Ediciones Istmo. Madrid. 1984.

———. *Simbolos, artes y creencias de la prehistoria*. Colegio Universitario de Ediciones Istmo, Madrid, 1984.

LIMA, Jeannette Maria Dias de. *Pesquisa arqueológica no Município de Brejo da Madre de Deus-PE*. Symposium V. 26. Revista da Universidade Católica de Pernambuco. Recife, UNICAP, 1984.

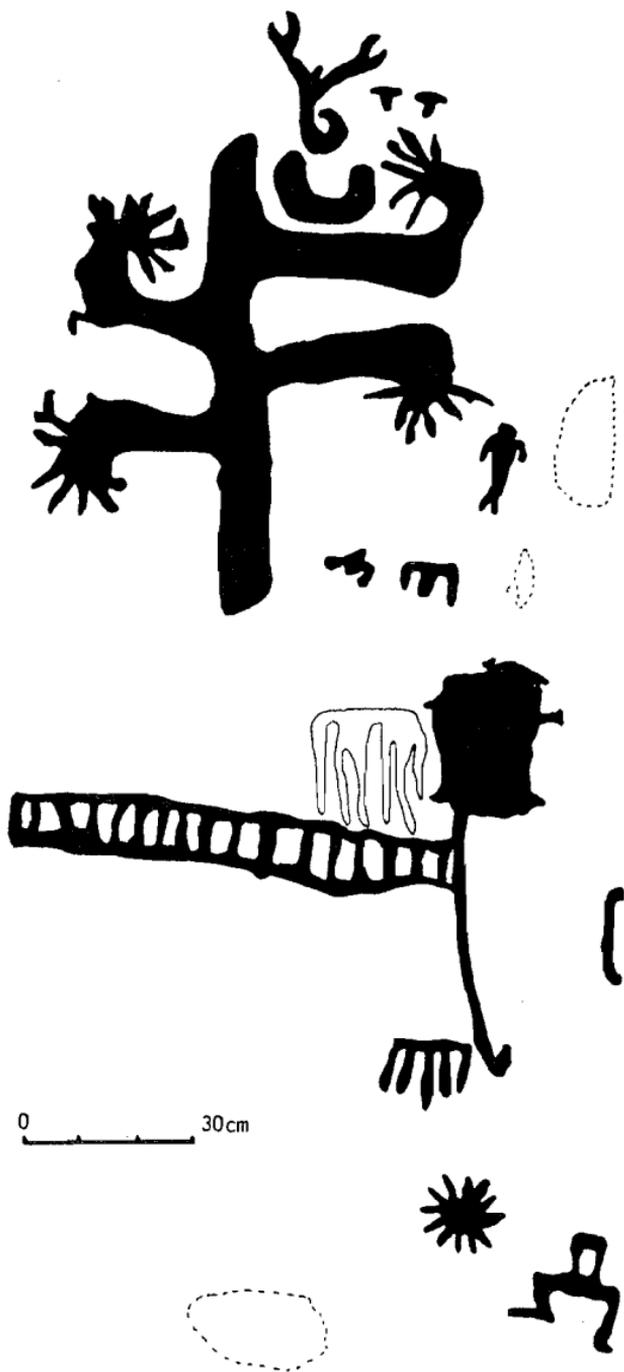
———. *Arqueologia da Furna do Estrago Brejo da Madre de Deus-PE*. Dissertação apresentada ao Mestrado de Antropologia da UFPE. Recife, 1985.

———. *Arqueologia da Furna do Estrado. Brejo da Madre de Deus-PE*. CLIO nº. 07. Revista do Curso de Mestrado em História. Série Arqueológica, 2. UFPE, Recife, 1985.

- LIMA, Marcos Galindo. *Processos de documentação em arte rupestre*. CLIO n.º 07. Revista do Curso de Mestrado em História Série Arqueológica 2. UFPE, Recife, 1985.
- MARTIN, Gabriela. *Estudos para uma desmitificação dos petroglifos brasileiros. A pedra lavrada do Ingá (Paraíba)*. Revista de História da Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, 1975.
- . *Casa Santa: um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte*. CLIO n.º 05. Revista do Curso de Mestrado em História. Recife, UFPE, 1982.
- . *Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira*. CLIO n.º 06. Revista do Curso de Mestrado em História. Série Arqueológica 1. Recife, UFPE, 1984.
- . Ingá Paraíba in *Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu*. São Paulo, DOW QUÍMICA, 1984.
- . *Arte rupestre no Seridó (RN). O sítio Mirador no Boqueirão de Parelhas*. CLIO n.º 06. Revista do Curso de Mestrado em História. Série Arqueológica 2. Recife, 1985.
- . *A Pedra da Figura em Taquaritinga do Norte (PE)*. CLIO n.º 03. Revista do Curso de Mestrado em História. Recife, UFPE, 1980.
- MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; TADEU, Paulo; VICTOR, Plínio. *Estudos de arte rupestre em Pernambuco (II). A Pedra Furada em Venturosa*. CLIO n.º 04. Revista do Curso de Mestrado em História, Recife, UFPE, 1981.
- MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; ROCHA, Jacionira. *O sítio arqueológico PERI-PERI em Pernambuco*. Revista de Arqueologia. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA. 1983.
- MELO, Mário. *Arqueologia pernambucana; os litoglifos de Vila Bela*. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Vol. 29, Recife, 1929.
- . *Etnografia pernambucana – os xucurus de Arorobá*. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 33. Recife 1935.
- . *Cemitério indígena da Serra das Russas*. Revista do Instituto Arqueológico,

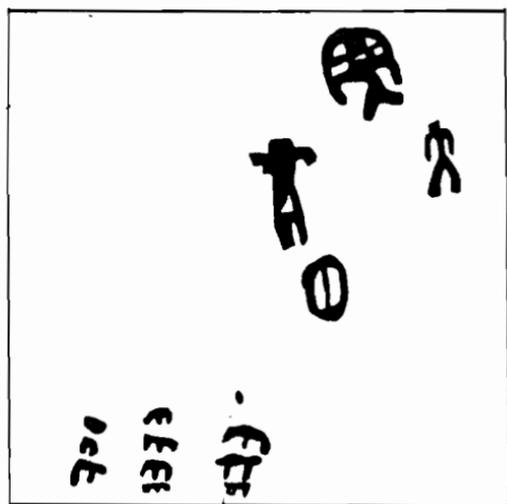
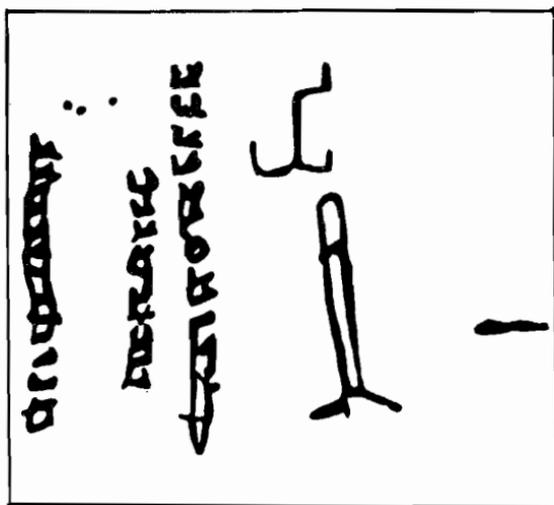
- MONZON, Suzana. *Análise dos traços de identificação — Estudo de um caso: A Toca da Entrada do Baixão da Vaca*. CLIO nº. 6. Revista do Curso de Mestrado em História. Série Arqueológica 1, Recife, UFPE, 1984.
- NASSER, Nássaro A. Souza e CABRAL, Elizabeth M. *Informações sobre Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte*. Separata dos Arquivos do Instituto de Antropologia. Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 1964.
- NASSER, Nássaro A. de Souza. *Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Curimataú-Cunhaú*. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações avulsas nº. 06. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1967.
- . *Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte*. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações avulsas nº. 26. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1974.
- PESSIS, A.M. *Métodos de interpretação da arte rupestre. Análises preliminares por níveis*. CLIO nº. 06. Revista do Curso de Mestrado em História. Série Arqueológica 1. Recife, UFPE, 1984.
- . *Da Antropologia visual à Antropologia Pré-histórica*. CLIO nº. 8. Revista do Curso de Mestrado em História. Série Arqueológica 3. Recife, 1986.
- PESSIS, A.N. *Methodes d'analyse des representations rupestres*. Contributions Methodologiques en Préhistoire. Etudes Americanistes Interdisciplinaires Amérique du Sud nº. 01, Paris.
- PINTO, Estevão. *Os indígenas do Nordeste*. São Paulo, Editora Brasileira, 1935.
- ROCHA, Jacionira. *A tecnologia pré-histórica em São Raimundo Nonato, Piauí*. (10.000—5.000 anos AP). Os artefatos de pedra. Dissertação apresentada ao Mestrado em História, UFPE, Recife, 1984.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi. *Arte rupestre no Brasil*. Temas de Arqueologia brasileira, 4. Anuário de Divulgação Científica, 8 Goiânia, 1980.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi e VERRARDI, Ivone. *Arte rupestre no centro do Brasil: Pinturas e gravuras da Pré-história de Goiás e oeste da Bahia*. Instituto Archietano de Pesquisas. São Leopoldo, UNISINOS, 1984.





Painel I

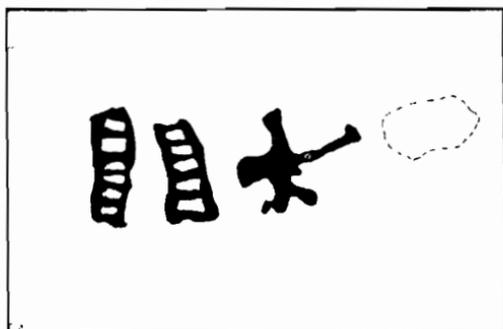
PEDRA DA LUA – Brejo da Madre de Deus - PE



0 30

Painel I

PEDRA DA LUA,
Fazenda Pedra da Lua
Brejo da Madre de Deus-PE

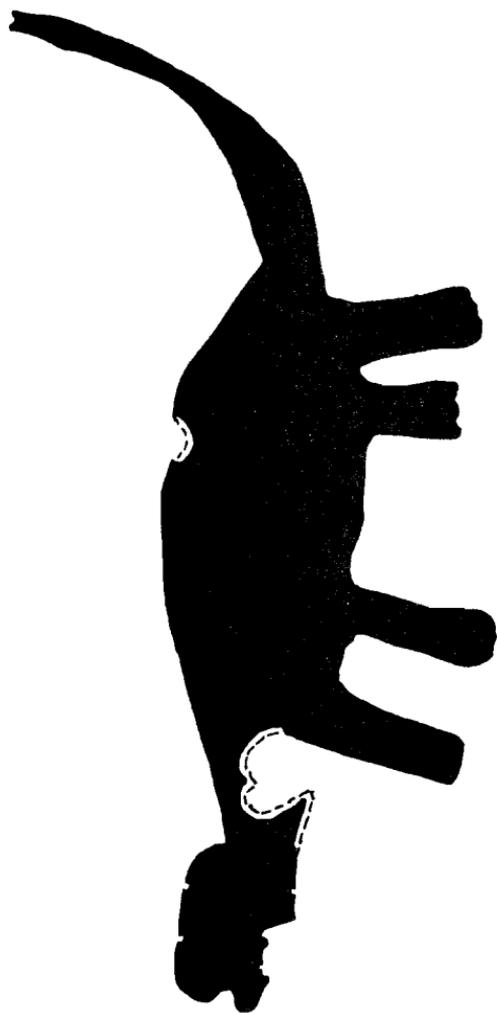




PEDRA DO LETREIRO — Brejo da Madre de Deus - PE

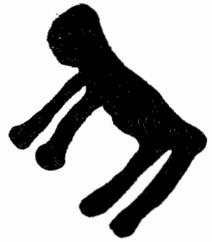
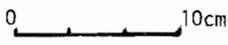


PEDRA FURADA – Venturosa - PE



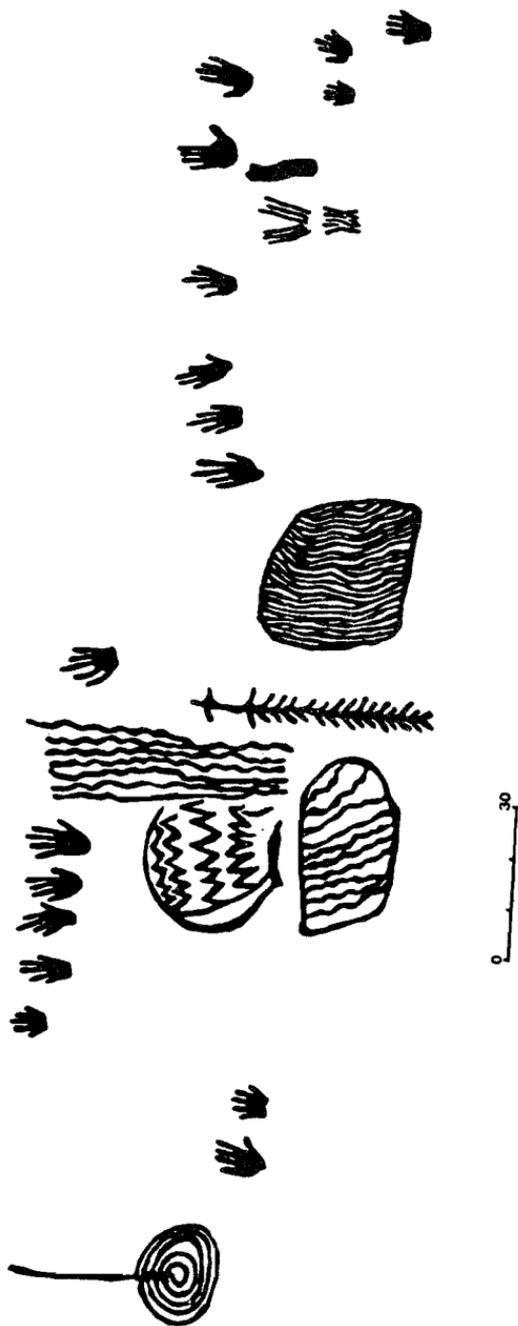
Painel Ic

PEDRA FURADA — Venturosa PE

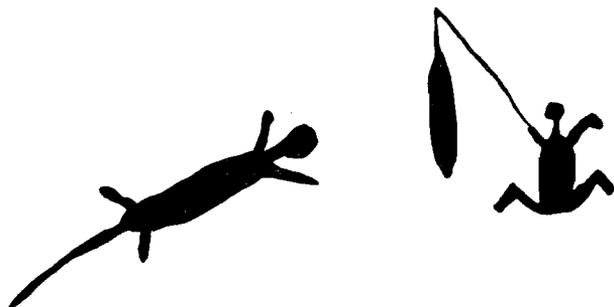
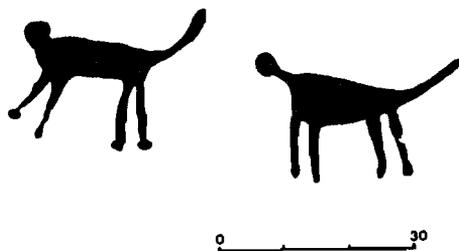
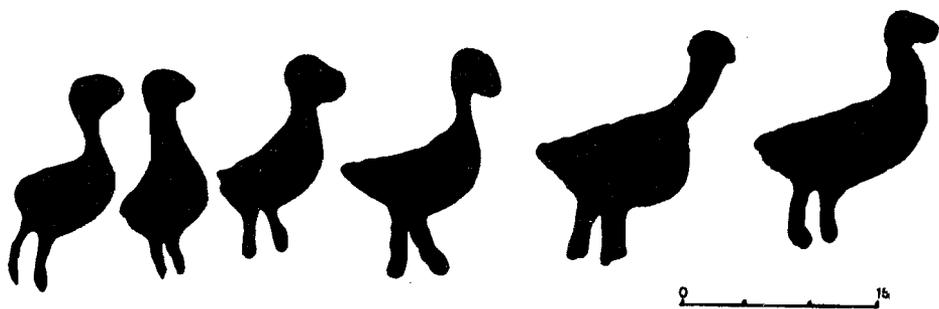


Painel III

PEDRA FURADA – Venturosa PE

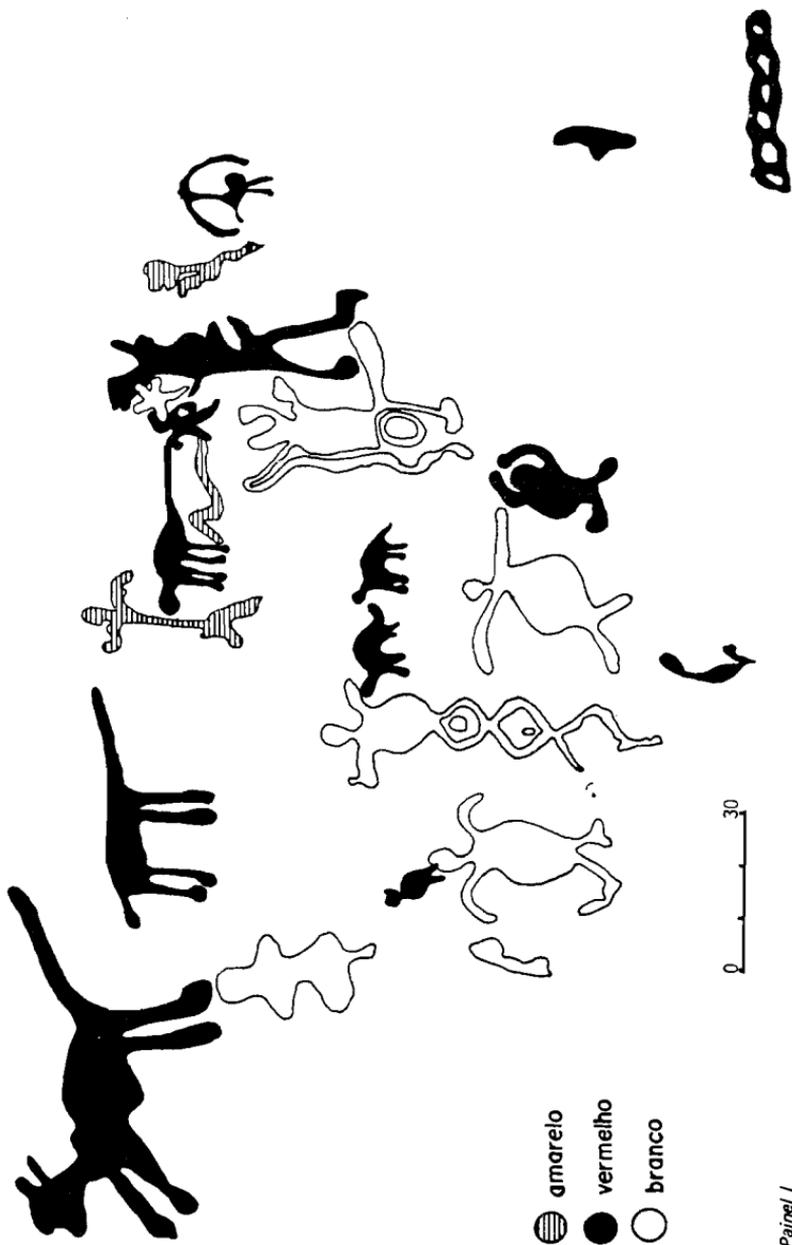


Panel I
PERI-PERI I - Venturosa PE



Detalhe do Painel V

PERI-PERI I – Venturosa PE



- amarelo
- vermelho
- branco

Painel I

PERI-PERI II - Venturosa PE



Painel I

PEDRA DA BUQUINHA – Venturosa PE



Painel II

PEDRA DA BUQUINHA – Venturosa PE



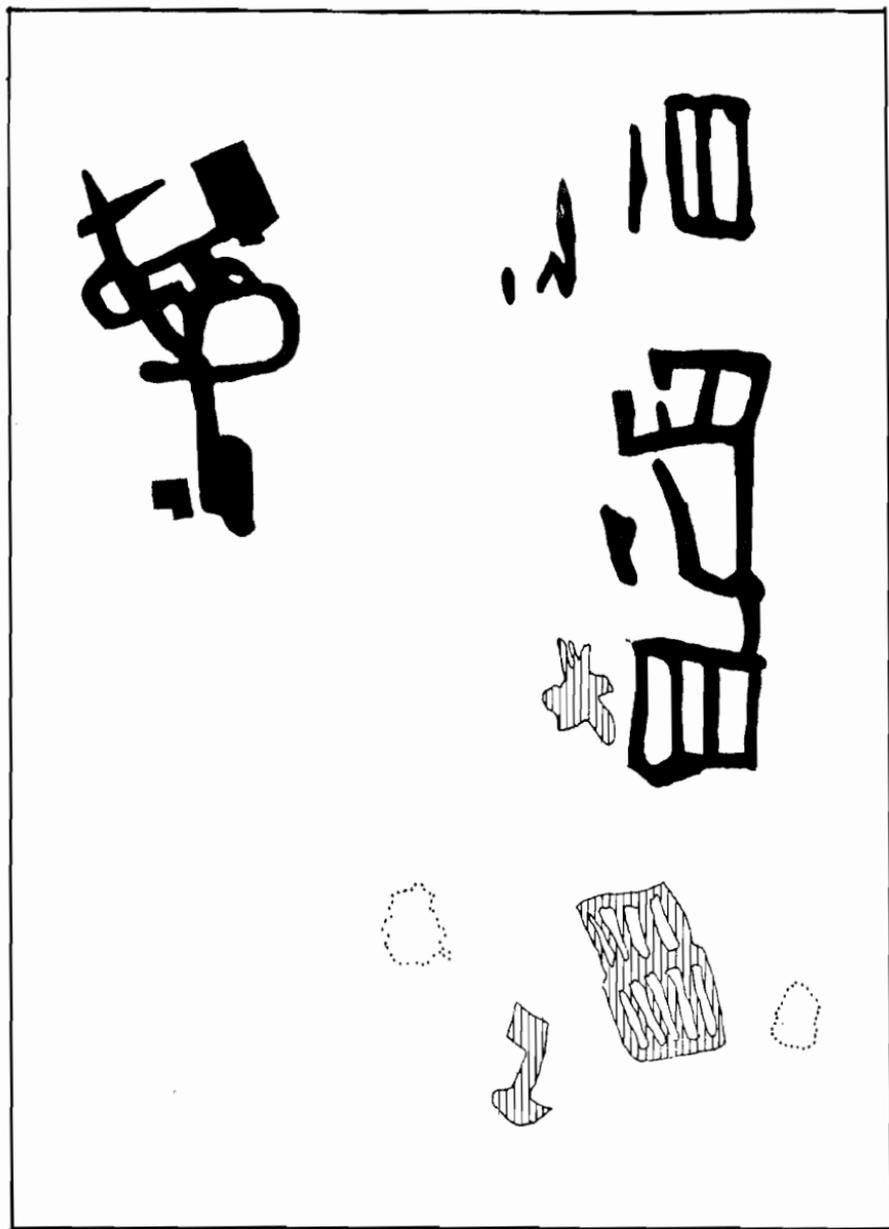
Painel II





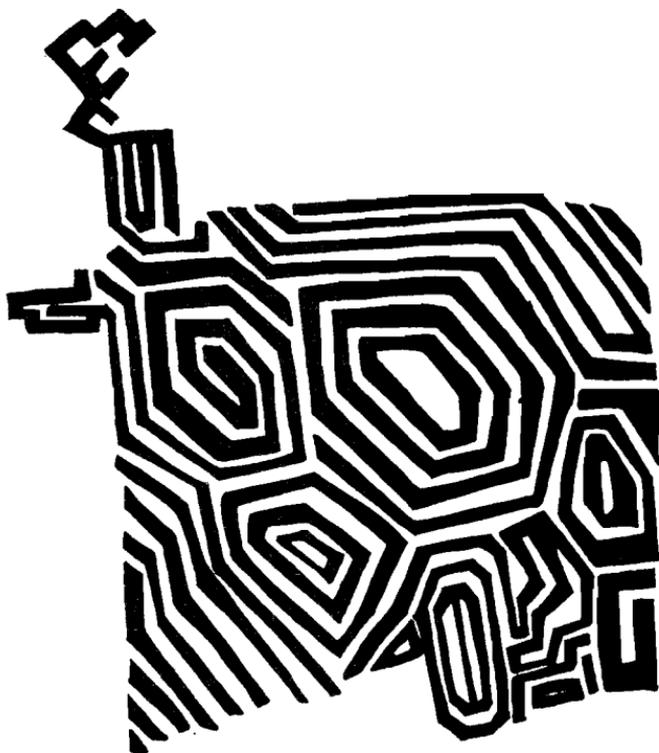
Painel III

PEDRA DA BUQUINHA — Venturosa PE



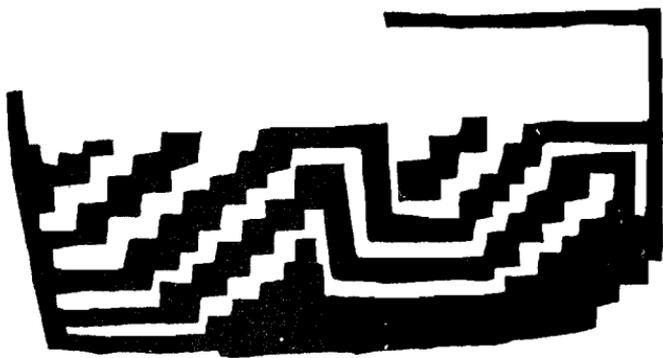
Painel Ia

PEDRA DO LETREIRO – Venturosa PE



0 30cm

Painel IV;



Painel V

PEDRA DO LETREIRO – Venturosa PE



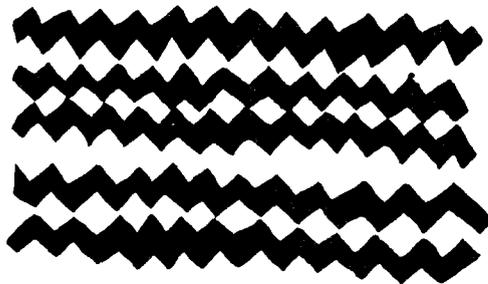
PEDRA PINTADA – Alagoinha PE



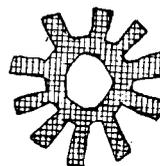
0 ——— 30cm

Panel I

PEDRA REDONDA — Pedra PE



 amarelo
 vermelho



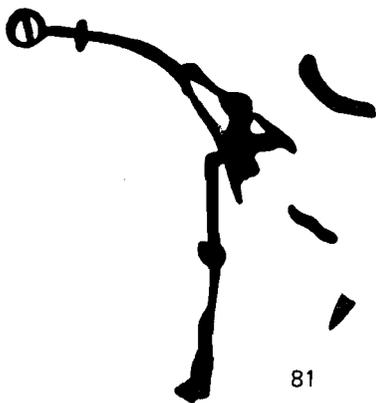
0  30cm

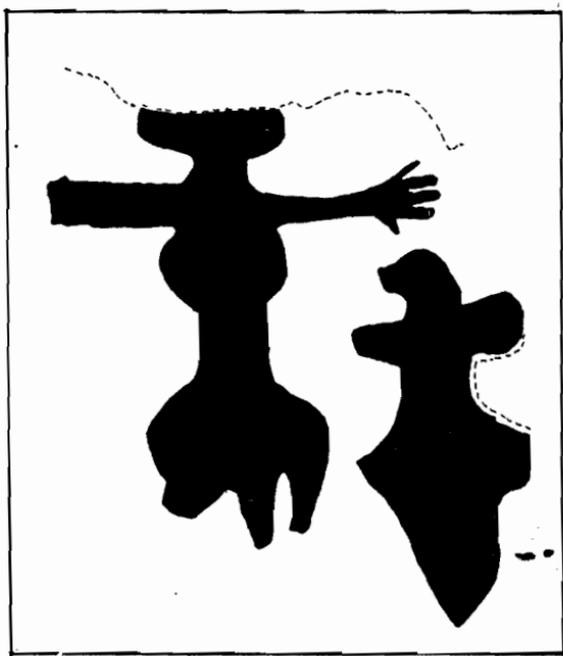
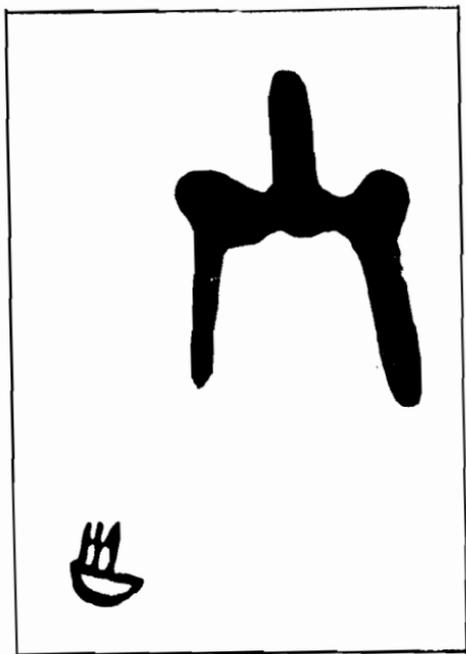
Painel II

PEDRA REDONDA — Pedra PE



PEDRA DO CABOCLO – Pedra PE

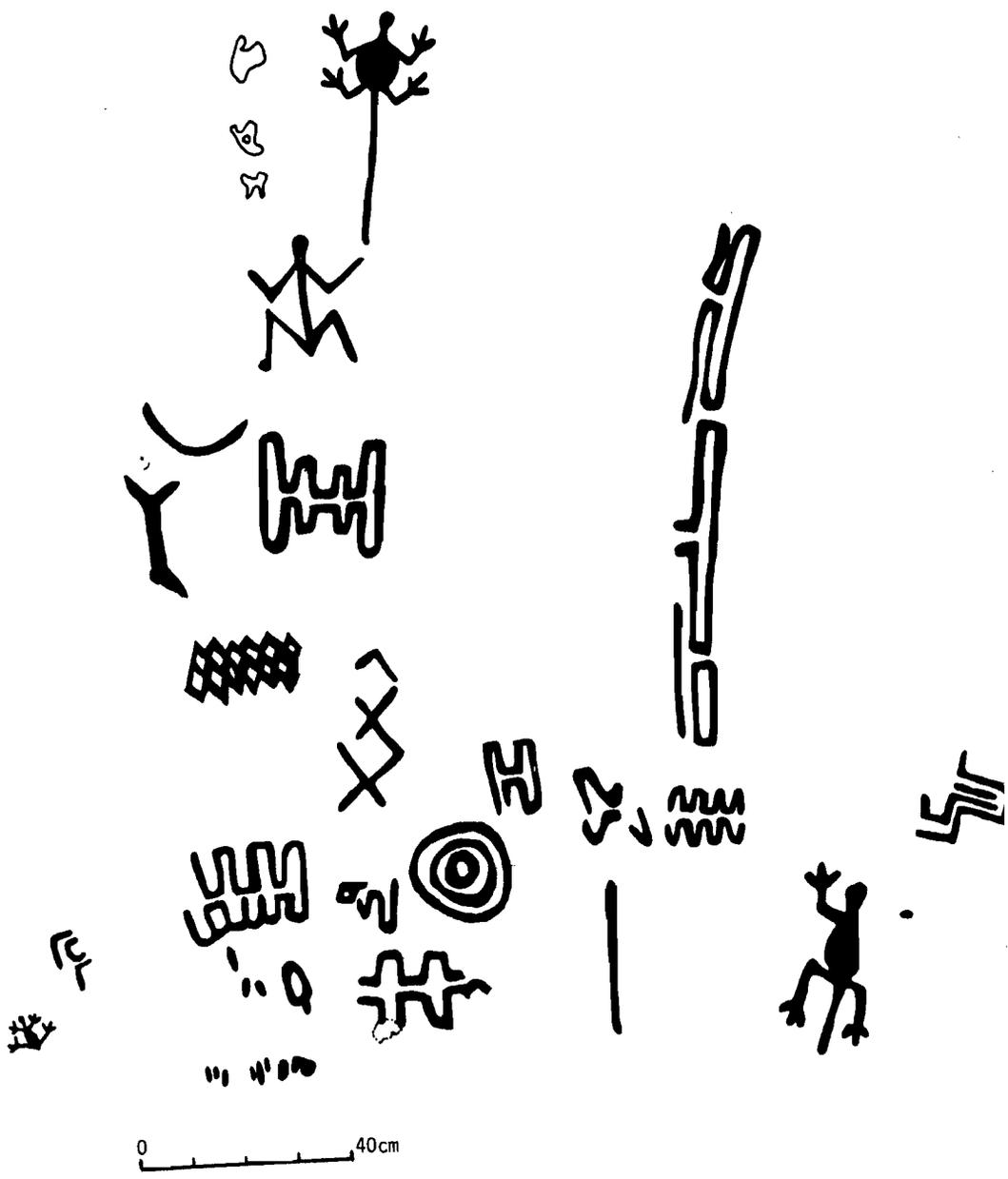




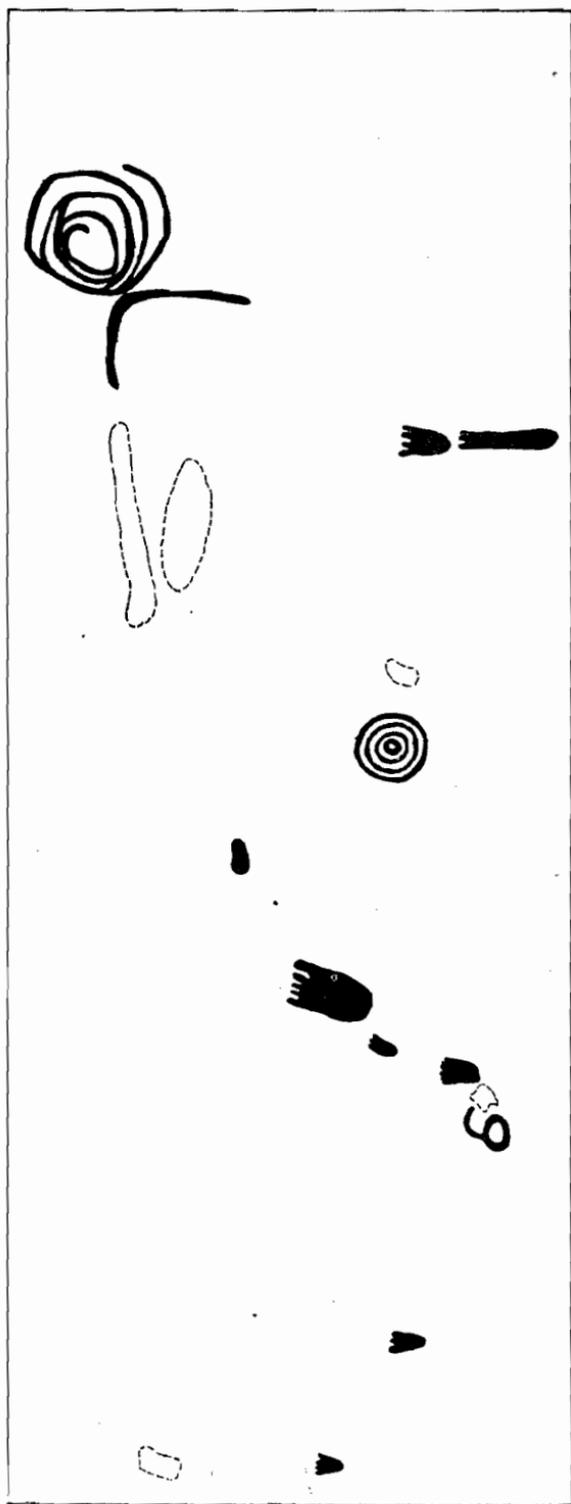
0 30cm

Panel II

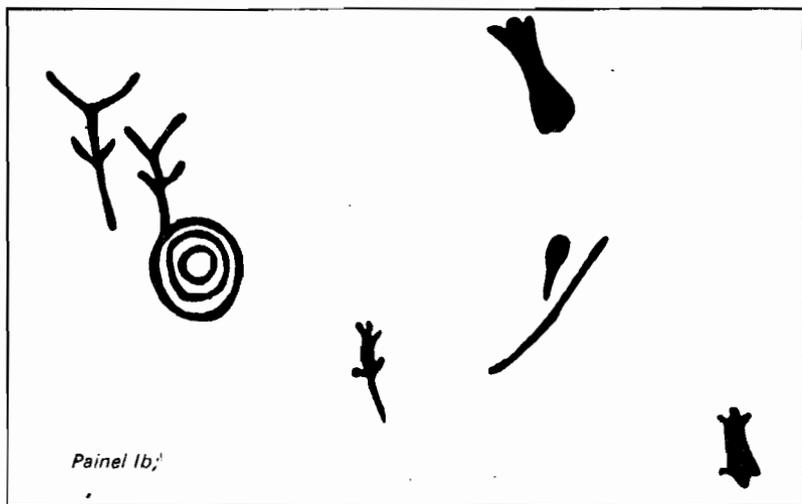
POÇO DA FIGURA — Pedra PE



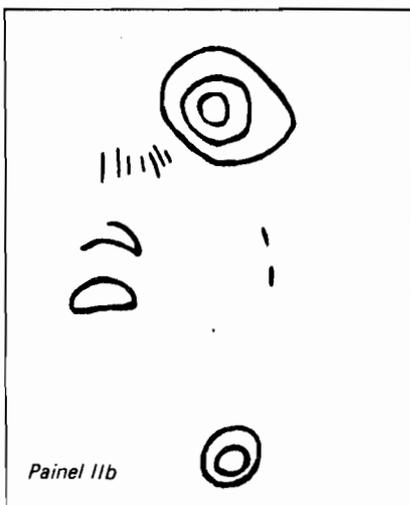
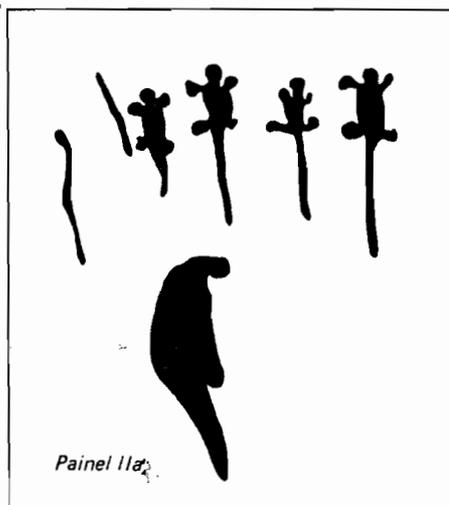
PRATA — Fazenda Prata - Pedra PE

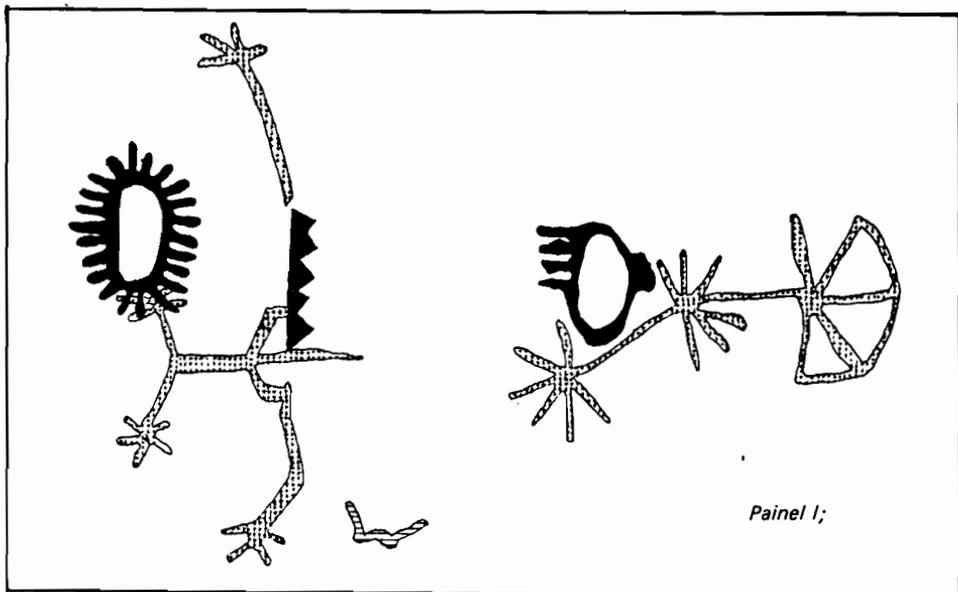
*Panel 1a*

PEDRA DO NAVIO – Paratama PE



0 40cm



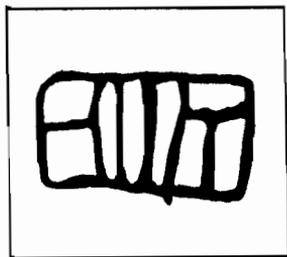


Panel I;

0 40cm

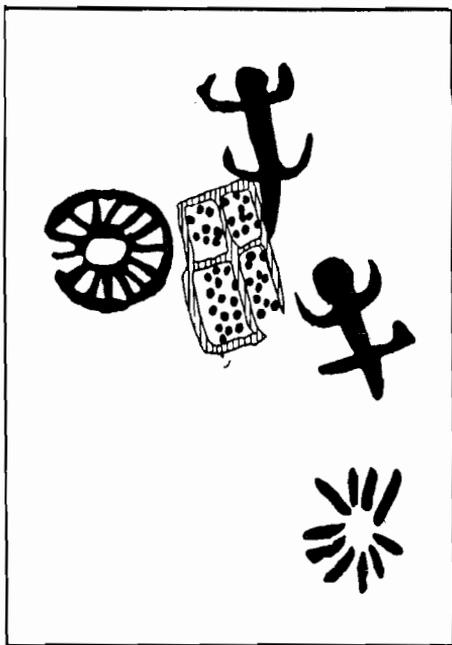


Panel II;

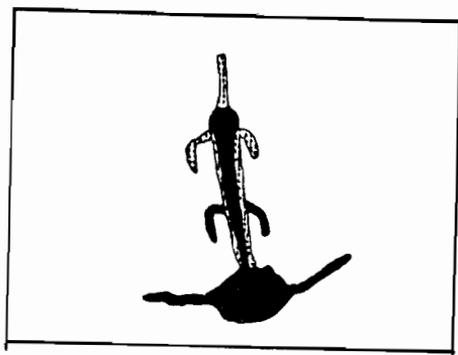


Panel III

PEDRA DO LETREIRO – Brejinho PE

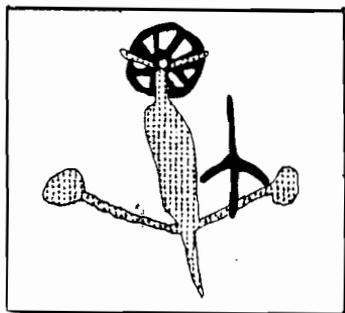


Painel VII;

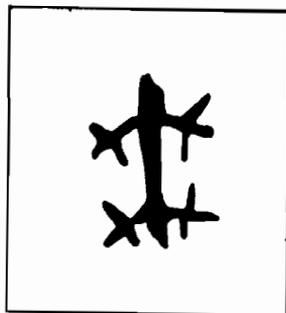


Painel VIII;

0 40cm



Painel IX;



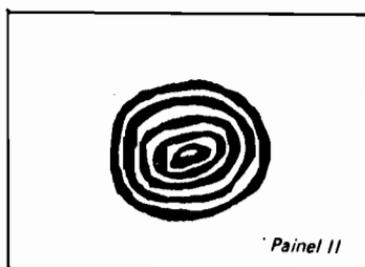
Painel X

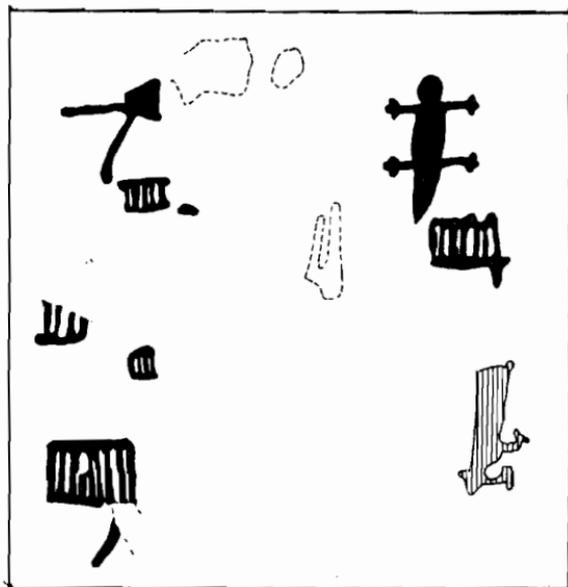
PEDRA DO LETREIRO – Brejinho PE



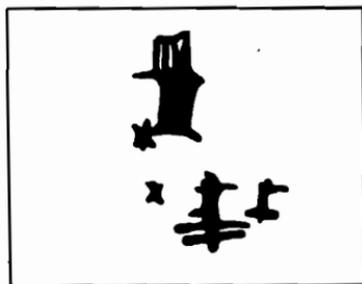
PEDRA COMPRIDA II

– São Bento do Una PE





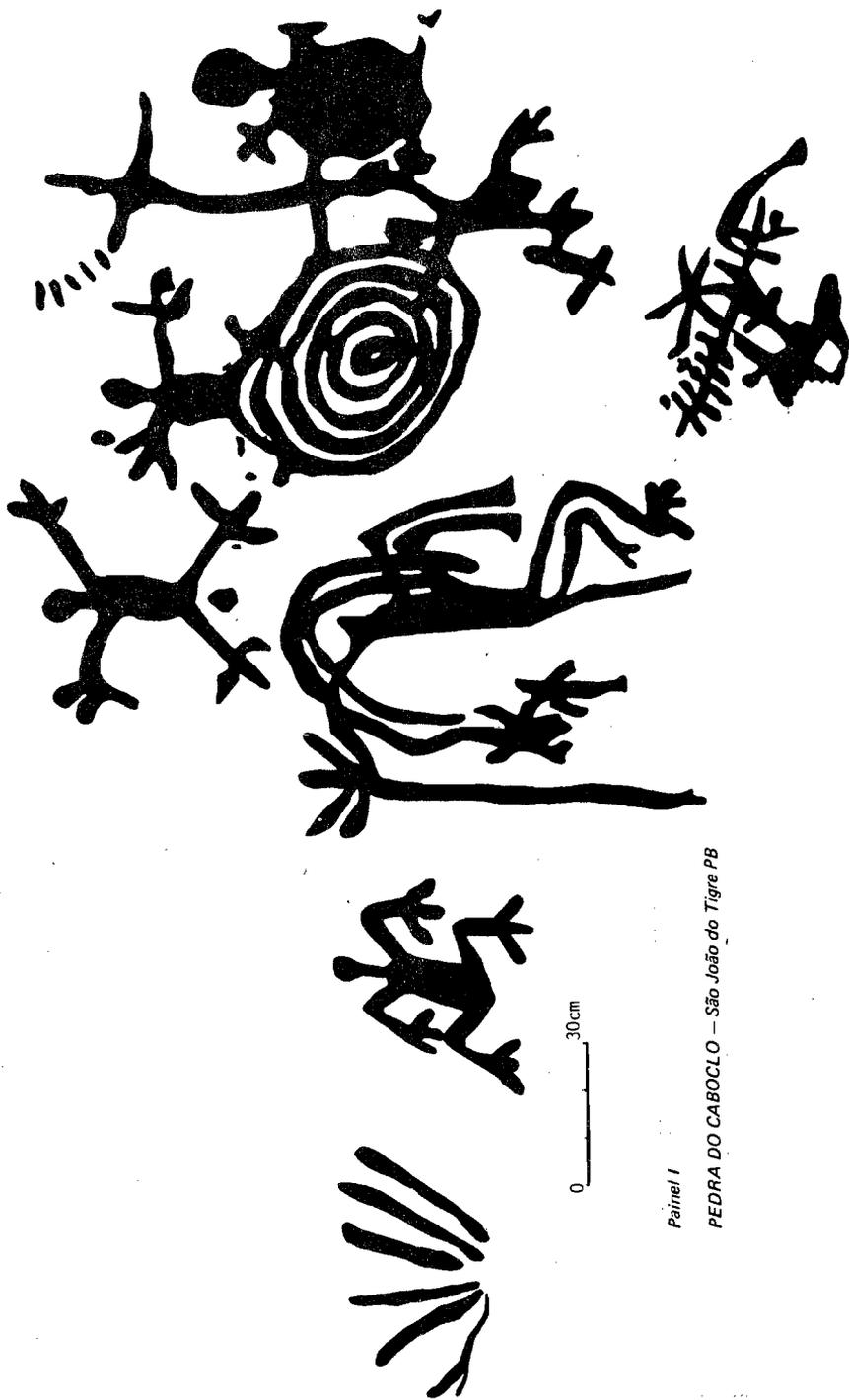
Panel I;



Panel II

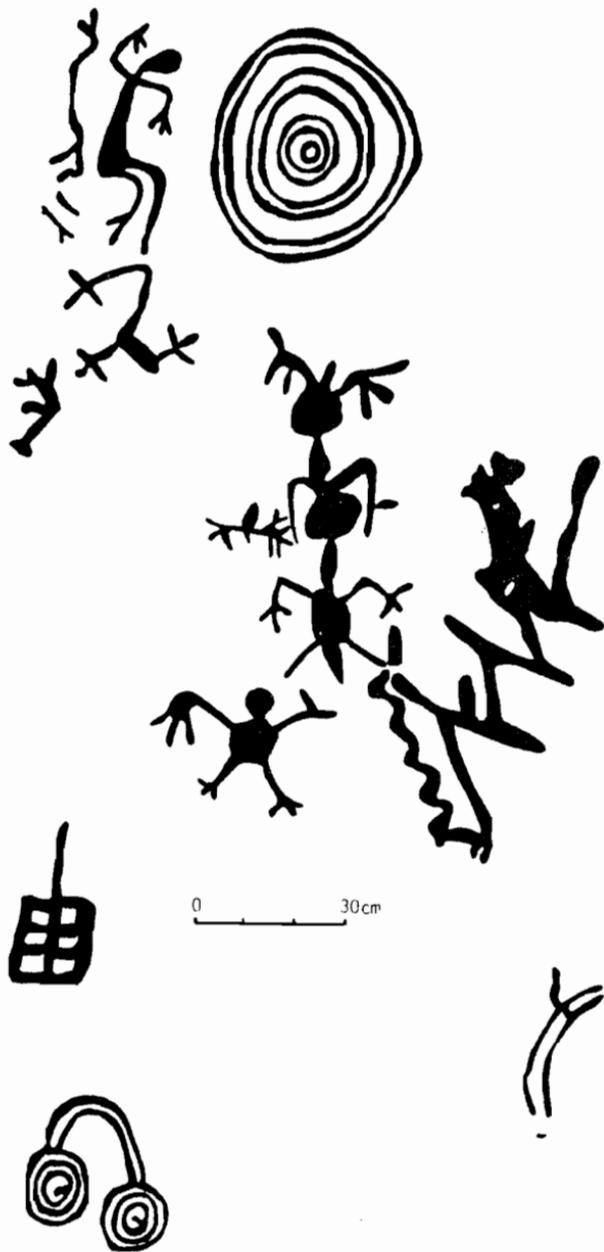
0 30cm

PEDRA DO LETREIRO – Passira PE



Painel I

PEDRA DO CABOCCLO — São João do Tigre, PB



Panel 11

PEDRA DO CABOCLO – São João do Tigre PB



Panel III

PEDRA DO CABOCCLO — São João do Tigre PB

0 30 cm





Painel Ia

PEDRA DO VELHO SAMUEL – São João do Tigre PB

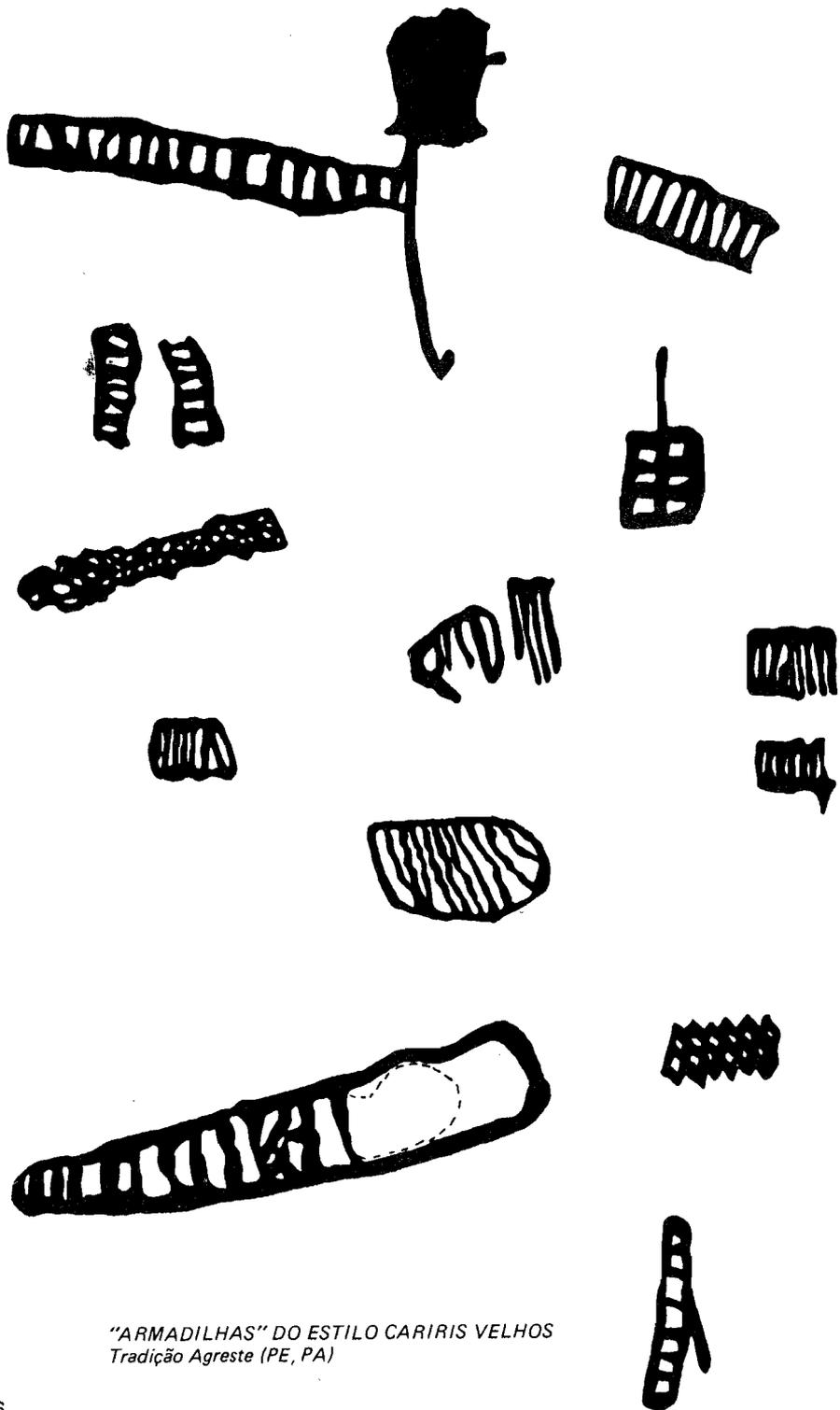




PEDRA DO LETREIRO – Cacimba de Areia PB

0 _____ 30cm





"ARMADILHAS" DO ESTILO CARIRIS VELHOS
Tradição Agreste (PE, PA)



*CENA DE CAÇA COM ARMADILHA DO ESTILO SERIDÓ
Tradição Nordeste (RN)*

